

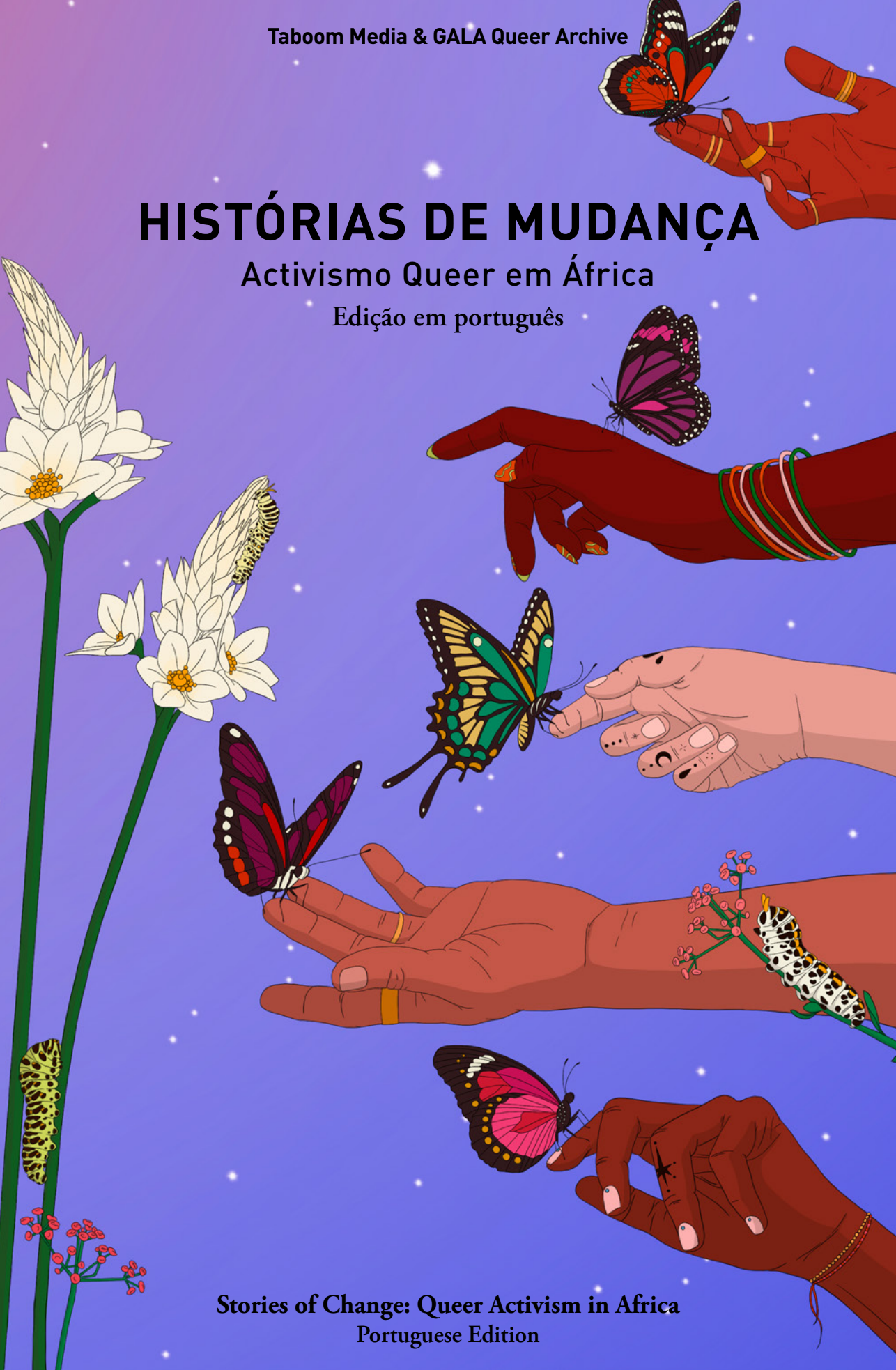
Taboom Media & GALA Queer Archive

HISTÓRIAS DE MUDANÇA

Activismo Queer em África

Edição em português

Stories of Change: Queer Activism in Africa
Portuguese Edition



Publication © MaThoko's Books 2024

Publicado por Taboom Media e GALA Queer Archive sob licença da Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0.

Published by Taboom Media and GALA Queer Archive under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 license.

CC BY-NC-SA 4.0 2024



Publicado pela primeira vez em 2024 pela MaThoko's Books

First Published in 2024 by MaThoko's Books

PO Box 31719, Braamfontein, 2017, South Africa

Ao abrigo desta licença Creative Commons, você é livre de:

Partilhar – copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar – remisturar, transformar e usar o material como suporte

De acordo com os seguintes termos:

Crédito – Deve dar o devido crédito, fornecer o link para a licença e mencionar se foram feitas alterações. Pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia a si ou à sua utilização.

Não Comercial – Não pode utilizar o material para fins comerciais.

Partilha Igual – Se remisturar, transformar ou usar o material como suporte, deve distribuir as suas contribuições ao abrigo da mesma licença que o original.

Sem Restrições Adicionais – Não pode aplicar termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam legalmente outros de fazer qualquer coisa que a licença permita.

MaThoko's Books é uma marca da GALA Queer Archive

Under this Creative Commons licence, you are free to:

Share – copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt – remix, transform, and build upon the material

Under the following terms:

Attribution – You must give appropriate credit, provide a link to the licence, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

Non-Commercial – You may not use the material for commercial purposes.

ShareAlike – If you remix, transform, or build upon the material, you must distribute your contributions under the same licence as the original.

No Additional Restrictions – You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the licence permits.

MaThoko's Books is an imprint of GALA Queer Archive

ISBN: 978-0-6398371-5-4 (e-book)

ISBN: 978-0-6398371-4-7 (print)

Edição, histórias, arte-final, design da capa e design do livro por Taboom Media e GALA Queer Archive

Editing, stories, artwork, cover design, and book design by Taboom Media and GALA Queer Archive

HISTÓRIAS DE MUDANÇA

Activismo Queer em África

Edição em português

STORIES OF CHANGE

Queer Activism in Africa

Portuguese Edition

Publicado por / Published by

Taboom Media & GALA Queer Archive

2024

COLABORADORES / CONTRIBUTORS

Autores / Authors: Pamina Sebastião, Joan Dingatse Msoni, Ataman Kioya, Khanyisile Phillips, Yuck Miranda, Diana Karungi, Ivander (Annex) Cambanza, Giselle Ratalane, Phali Ferddie, Annette Atieno, Frank Lileza, Dzoe Ahmad, Brian Pellot

Ilustrações / Illustrations: Mercy Thokozane Minah, Alícia Dias Ribeiro, Kgalalelo Shoai, WacomBoy, Imad Zoukanni, Boniswa Khumalo, Anonymous, Mina, Elliot Jaudz Oliver, Boniswa Khumalo, Amina Gimba

Editor da Série / Series Editor: Brian Pellot

Editores dos Volumes / Volume Editors: Debra Mason, Brian Pellot, Karin Tan

Mentor-Editores / Mentor-Editors: Unoma Azuah, Max Lobe, Welcome Mandla Lishivha, Debra Mason, Isabella Matambanadzo, Martha Mukaiwa, Kevin Mwachiro, Brian Pellot, Gboko Stewart, Wana Udobang

Design / Design: softwork.studio

Ilustração da Capa / Cover Illustration: Alícia Dias Ribeiro

Tradutor / Translator: Hélder Paulo

Revisor / Proofreader: Frank Lileza

Gestores do Projecto / Project Managers: Brian Pellot, Karin Tan, Ciske Smit, Donovan Greeff

Para ver ou descarregar uma versão digital deste livro, visite:

To view or download a digital version of this book, please visit:

TaboomMedia.com

GALA.co.za

Publicado pela primeira vez em 2024 / *First published in 2024*

Taboom Media

GALA Queer Archive

Cidade do Cabo e Joanesburgo / *Cape Town & Johannesburg*

A publicação foi possível graças ao financiamento da Fundação Arcus, da National Endowment for Democracy e da Initiative Sankofa d'Afrique de l'Ouest (ISDAO). O SAIH (Fundo Norueguês de Assistência Internacional para Estudantes e Académicos), o Sigrid Rausing Trust e a Embaixada Norueguesa em Pretória forneceram apoio adicional. O conteúdo desta publicação é da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não representa necessariamente as opiniões dos parceiros financiadores.

Publication was made possible with funding from the Arcus Foundation, the National Endowment for Democracy, and Initiative Sankofa d'Afrique de l'Ouest (ISDAO). Additional support was provided by SAIH (Norwegian Students' and Academics' International Assistance Fund), the Sigrid Rausing Trust and The Norwegian Embassy in Pretoria. The contents of this publication are the sole responsibility of its authors and do not necessarily represent the views of funding partners.

ÍNDICE / CONTENTS

INTRODUÇÃO / INTRODUCTION	6
NOTAS DA EQUIPA / NOTES FROM THE TEAM	9
CONSTRUIR UM CORPO, CONTAR A NOSSA HISTÓRIA / BUILDING A BODY, TELLING OUR STORY	12
Pamina Sebastião, <i>Angola</i>	
SER VISTA / TO BE SEEN	18
Joan Dingatse Msoni, <i>Zâmbia / Zambia</i>	
TRANSFORMAR A DOR EM GANHO / TURNING PAIN INTO GAIN	25
Ataman Kioya, <i>Nigéria / Nigeria</i>	
PROVOCADO PARA UM OBJECTIVO / PROVOKED TO PURPOSE	30
Khanyisile Phillips, <i>África do Sul / South Africa</i>	
VER O AMARELO / SEEING YELLOW	37
Yuck Miranda, <i>Moçambique / Mozambique</i>	
O MEU SERMÃO SOBRE AMOR-PRÓPRIO / MY SERMON OF SELF-LOVE	44
Diana Karungi, <i>Uganda</i>	
A MINHA BONITA LIGADURA COR-DE-ROSA / MY PRETTY PINK BANDAGE	50
Ivander (Annx) Cambanza, <i>Angola</i>	
AQUI DEITADA A MORRER: UM RENASCIMENTO / AS I LAY HERE DYING: A REBIRTH	56
Giselle Ratalane, <i>Lesoto / Lesotho</i>	
FORTE POR DEMASIADO TEMPO / STRONG FOR TOO LONG	62
Phali Ferddie, <i>Gana / Ghana</i>	
PARTES DE MIM / PIECES OF ME	67
Annette Atieno, <i>Quénia / Kenya</i>	
UM FUTURO ONDE O AMOR QUEER PODE FLORESCER / A FUTURE WHERE QUEER LOVE CAN BLOOM	72
Frank Lileza, <i>Moçambique / Mozambique</i>	
SOU UMA MULHER TRANS. SOU DIGNA DE AMOR. / I'M A TRANS WOMAN. I'M WORTHY OF LOVE.	77
Dzoe Ahmad, <i>Zimbábue / Zimbabwe</i>	

INTRODUÇÃO

Em janeiro de 2021, no auge da pandemia da COVID-19, a Taboom Media reuniu online 30 activistas de 18 países africanos para um workshop de uma semana sobre a defesa dos meios de comunicação social para a igualdade LGBTQI+.

Quando o workshop chegou ao fim, apercebemo-nos de que ainda não tínhamos acabado de partilhar as nossas histórias. Todos queríamos compreender melhor o que inspirou os nossos colegas activistas a juntarem-se a esta luta colectiva pela igualdade.

Um belo arquivo queer começou a ganhar forma, por isso contactámos a GALA para ver como poderíamos colaborar e partilhar estas histórias. Decidimos encomendar a artistas queer e aliados ilustrações originais para cada história e juntar tudo num livro.

A nossa primeira antologia, *Hopes and Dreams That Sound Like Yours: Stories of Queer Activism in Sub-Saharan Africa* (*Esperanças e Sonhos Que se Parecem Com os Seus: Histórias de Activismo Queer na África Subsariana*) foi publicada em inglês no final desse ano. Em 2022, com um novo grupo de activistas, publicámos *Courage to Share: Queer Activism in Africa* (*Coragem para Partilhar: Activismo Queer em África*) em inglês e francês. *Whispers and Shouts* (*Sussurros e Gritos*) foi publicado em 2023, seguido do nosso quarto e (por agora) último volume *Love, Trouble* (*Amor, Problemas*) em 2024. Mais de 200 pessoas contribuíram para a série com histórias, ilustrações, vídeos, animações, orientação, edição, tradução e design.

Esta edição especial em português destaca 12 histórias e ilustrações poderosas dos volumes 1 a 4. Nestas páginas, defensores dos direitos humanos de todo o continente partilham as suas histórias de origem e percursos de activismo. O resultado é uma poderosa antologia de resistência, resiliência e reconhecimento. Para ler a colecção completa de quase 100 histórias em inglês e francês, ou uma dúzia de histórias diferentes em árabe ou kiswahili, visite TaboomMedia.com/resources ou GALA.co.za.

Todas as histórias e ilustrações da *Queer Activism in Africa* (*Activismo Queer em África*) são publicadas ao abrigo de uma licença Creative Commons,

por isso encorajamo-lo a continuar a traduzi-las e a partilhá-las em Hausa, Oromo, Amárico, Yoruba, Igbo, Fulani, Somali, Malgaxe, Amazigh, Akan, Zulu, Kinyarwanda, Chewa...todas as línguas sob o sol. Quem quer que seja, de onde quer que venha, qualquer que seja a sua origem, convidamo-lo a encontrar-se nestas histórias.

Quando acabar de as ler, será altura de escrever a sua própria história.

Brian Pellot

Editor da Séries e Gestor do Projecto

Director Fundador da Taboom Media

Julho de 2024, Cidade do Cabo

INTRODUCTION

In January 2021, at the height of the COVID-19 pandemic, Taboom Media gathered 30 activists from 18 African countries online for a week-long Media Advocacy for LGBTQI+ Equality workshop.

As our time together came to a close, we realised we weren't done sharing our stories. We all wanted to better understand what inspired our fellow activists to join this collective fight for equality.

A beautiful queer archive started taking shape, so we reached out to GALA to see how we might collaborate and share these stories. We landed on the idea of commissioning queer and ally artists to produce original illustrations for each story and packaging everything together in a book.

Our first anthology, *Hopes and Dreams That Sound Like Yours: Stories of Queer Activism in Sub-Saharan Africa* was published in English later that year. In 2022, with a new group of activists, we published *Courage to Share: Queer Activism in Africa* in English and French. *Whispers and Shouts* came in 2023, followed by our fourth and (for now) final volume *Love, Trouble* in 2024. More than 200 people have contributed to the series with stories, illustrations, videos, animations, mentoring, editing, translation, and design.

This special Portuguese Edition spotlights 12 powerful stories and illustrations from Volumes 1-4. In these pages, human rights defenders from across the continent share their origin stories and activist journeys. The result is a powerful anthology of resistance, resilience, and recognition. To read the full collection of nearly 100 stories in English and French, or a different dozen in Arabic or Kiswahili, visit TaboomMedia.com/resources or GALA.co.za.

All *Queer Activism in Africa* stories and illustrations are published under a Creative Commons licence, so we encourage you to keep translating and sharing them in Hausa, Oromo, Amharic, Yoruba, Igbo, Fulani, Somali, Malagasy, Amazigh, Akan, Zulu, Kinyarwanda, Chewa...every language under the sun.

Whoever you are, wherever you're from, whatever your background, we invite you to find yourself in these stories.

Once you're done reading them, it's time to write your own.

Brian Pellot

Series Editor and Project Manager
Founding Director at Taboom Media
July 2024, Cape Town

NOTAS DA EQUIPA

Algumas das histórias desta antologia incluem relatos de traumas e linguagem explícita. Por favor, leia com cuidado.



As palavras e abreviaturas utilizadas para descrever a diversidade sexual e de género variam consoante o contexto e a cultura. Alguns activistas trabalham em prol dos “direitos LGBT”, outros em prol da “igualdade LGBTQI+”. Ao longo desta antologia, foram preservados os termos e abreviaturas preferidos de cada autor.



Alguns nomes foram alterados (*) ou substituídos por iniciais para preservar o anonimato.



NOTES FROM THE TEAM

Some of the stories in this anthology include accounts of trauma and explicit language. Please read with care.



The words and abbreviations used to describe sexual and gender diversity vary across context and culture. Some activists work on “LGBT rights”, others for “LGBTQI+ equality”. Throughout this anthology, each individual author’s preferred terms and abbreviations have been preserved.



Some names have been changed (*) or replaced with initials to preserve anonymity.





CONSTRUIR UM CORPO, CONTAR A NOSSA HISTÓRIA

PAMINA SEBASTIÃO

Angola

Escrevo e reescrevo isto, tentando parecer menos vulnerável. Mas porquê? A vulnerabilidade deve fazer parte do nosso activismo. De que outra forma podemos crescer e reflectir?

Durante muitos anos, eu fui o meu activismo. Cresci em Angola e em Portugal, mergulhada na justiça social. A minha irmã e eu tivemos o privilégio de crescer num lar que valorizava a educação e nos expunha a histórias de mudança. O único caminho que eu tinha a seguir era uma vida de transformação social e política.

Comecei esta viagem fazendo voluntariado em projectos artísticos que criaram novas formas de activismo. Era fascinante ver pessoas que eu respeitava transformarem as suas ideias em acções concretas.

Eu tinha ideias, mas também tinha dúvidas. Conseguiria eu criar algo significativo por mim própria?

A resposta curta é não. Nenhum de nós consegue. Demorei anos a perceber que o nosso modelo colonial de activismo, que considera os activistas singulares como heróis das suas próprias narrativas, nos estava a destruir. Estes mitos do “fundador” são armadilhas competitivas que alimentam a mentira de que um “activista estrela”, trabalhando isoladamente, pode construir um império. Eu queria construir um colectivo, um colectivo feminista LGBTIQ. Num colectivo, não pode haver um herói ou protagonista singular. Esta é a *nostra* história.

O que agora se chama Arquivo de Identidade Angolano (AIA) começou à volta de uma velha mesa na sala de estar da minha família em 2016. A minha irmã e eu identificamo-nos como mulheres bissexuais e ambas éramos membros da primeira organização LGBTIQ de Angola, a Íris. Um dia, alguns amigos vieram cá a casa e começámos a discutir como poderíamos criar algo novo. Todos queríamos construir um espaço onde pudéssemos evoluir, adaptarmo-nos e imaginar novos começos. Queríamos mostrar à nossa sociedade conservadora e ao mundo que os angolanos queer existem.

Nos anos que se seguiram, criámos testemunhos LGBTIQ em vídeo, traduzimos recursos sobre direitos queer para português e documentámos o

nosso percurso num blogue. O nosso arquivo crescente ligava as histórias do passado ao nosso presente. Passámos a fazer parte de um movimento africano para contar e preservar histórias queer, deixando a nossa marca na história. Também nos tornámos um colectivo feminista, sendo o nosso website um espaço político interseccional onde os nossos corpos podiam ser vistos.

Era claro para nós que o feminismo e os direitos LGBTIQ faziam parte da mesma transformação política que esperávamos alcançar, mas nem toda a gente conseguia ver esta ponte. Grande parte da comunidade LGBTIQ via as feministas como “devoradoras de homens” radicais e insensíveis, e poucas mulheres LGBTIQ se consideravam feministas. Ao associar os princípios feministas aos nossos corpos queer e ao conteúdo que criámos para o AIA, encontrámos a nossa luta interseccional.

A exploração de diferentes representações das nossas identidades interseccionais permitiu-nos criar um novo movimento, mas também dividiu os nossos corpos em fragmentos. Tivemos altos e baixos, enfrentamos violência emocional e esgotamento constante, mas pelo menos ainda tínhamos casas para morar.

O mesmo não aconteceu com Marcelo, um adolescente que nos procurou para pedir ajuda depois da sua família o ter rejeitado por ser homossexual.

Enquanto Marcelo dormia no meu velho sofá, eu ligava para a família dele e tentava convencê-la a aceitá-lo de volta. Ao mesmo tempo me perguntava se isso seria sensato. Marcelo e outras pessoas queer que vinham à nossa porta precisavam de um espaço seguro onde pudessem viver livremente. Precisavam de famílias que as amassem pelo que são. Precisavam de uma comunidade que as amasse. Precisavam de um lar.

O AIA construiu o ‘No Cubico’ (calão angolano que significa ‘Em Casa’) em 2017 para servir de espaço seguro LGBTQI para actividades culturais e educativas. Quando entramos no nosso novo escritório e casa pela primeira vez, sabíamos que cada pessoa que passasse por aquela porta se sentiria bem. O ‘No Cubico’ rapidamente evoluiu para um abrigo, algumas noites recebendo 10 ou mais pessoas. Reimaginar e redefinir o que o AIA poderia ser fez com que o nosso espaço seguro ganhasse vida. Foi o que fez desta uma viagem colectiva.

O nosso colectivo continua a prosperar por uma razão importante: sempre foi maior do que os seus fundadores. À medida que as pessoas vão e vêm, o AIA evolui para ir ao encontro das necessidades da comunidade, com cada um de nós a desempenhar um papel integral no avanço do movimento. Toda a gente tem uma voz. Toda a gente contribui. Todos se beneficiam.

O AIA é a prova viva de que a verdadeira mudança acontece quando as pessoas trabalham em conjunto. Tenho muito orgulho do que construímos.

Agradecimentos à Kamy, Rosie, Liria, Leopoldina, Joana, Igor, Erickson e Jazmine. Gostaria também de agradecer a todos os voluntários do nosso abrigo, a todos os que doaram dinheiro, livros, mobília, roupas, a todos os que ajudaram a produzir vídeos, fotografias e o nosso sítio Web, e a todos os que nos apoiaram emocional e intelectualmente ao longo dos anos.

Pamina Sebastião é uma “artista” e co-fundadora do Arquivo de Identidade Angolano (AIA) em Luanda, Angola.

BUILDING A BODY, TELLING OUR STORY

PAMINA SEBASTIÃO

Angola

I write and rewrite this, trying to sound less vulnerable. But why? Vulnerability should be part of our activism. How else can we grow and reflect?

For many years, I was my activism. I was raised in Angola and Portugal steeped in social justice. My sister and I were privileged to grow up in a home that valued education and exposed us to stories of change. My only path forward was a life of social and political transformation.

I started this journey by volunteering with artistic projects that created new forms of activism. It was fascinating to see people I respect transform their ideas into concrete action.

I had ideas, but I also had doubts. Could I create something meaningful on my own?

The short answer is no. None of us can. It took me years to realise that our colonial model of activism that centres singular activists as heroes of their own narratives was tearing us apart. These “founder” myths are competitive traps that feed the lie that one “star activist” working in isolation can build an empire. I wanted to build a collective, an LGBTIQ feminist collective. In a collective, there can be no singular hero or protagonist. This is *our* story.

What’s now called Arquivo de Identidade Angolano (AIA) started around an old table in my family’s living room in 2016. My sister and I both identify as bisexual women and were both members of Angola’s first LGBTIQ organisation, Iris. One day some friends came over and we started discussing how we could create something new. We all wanted to build a space where we could evolve, adapt, and imagine new beginnings. We wanted to show our conservative society and the world that queer Angolans exist.

In the years that followed, we created LGBTIQ video testimonies, translated queer rights resources into Portuguese, and documented our journey in a blog. Our growing archive linked past stories to present selves. We became part of an African movement to tell and preserve queer stories, writing our existence into history. We also became a feminist collective, our website serving as an intersectional political space where our bodies could be seen.

It was clear to us that feminism and LGBTIQ rights were part of the same political transformation we hoped to achieve, but not everyone could see this bridge. Much of the LGBTIQ community viewed feminists as radical and insensitive “man-eaters”, and few LGBTIQ women considered themselves feminists. By linking feminist principles to our queer bodies and the content we created for AIA, we found our intersectional fight.

Exploring different representations of our intersectional identities allowed us to create a new movement, but it also divided our bodies into fragments. We faced highs and lows, emotional violence, and constant burnout, but at least we still had homes.

The same wasn't true for Marcelo, a teenager who came to us for help after his family rejected him for being gay.

As Marcelo slept on my old sofa I would call his family and try to convince them to take him back, all the while wondering if this was even wise. Marcelo and other queer people who came to our doorstep needed a safe space where they could live freely. They needed families who love them for who they are. They needed a nurturing community. They needed a home.

AIA built No Cubico in 2017 as an LGBTQI safe space for cultural and educational activities. When we entered our new office and home for the first time, we knew that every person who walked through those doors would be okay. No Cubico quickly evolved into a shelter, some nights hosting 10 or more people. Reimagining and redefining what AIA could be made our safe space come alive. It's what made this a collective journey.

Our collective continues to thrive for one important reason: it's always been bigger than its founders. As people come and go, AIA evolves to meet the community's needs, with each of us playing an integral role in advancing the movement. Everyone has a voice. Everyone contributes. Everyone benefits.

AIA is living proof that real change comes when people work together. I'm so proud of what we've built.

Thank you Kamy, Rosie, Liria, Leopoldina, Joana, Igor, Erickson, and Jazmine. I would also like to thank all volunteers at our shelter, everyone who has donated money, books, furniture, clothes, everyone who has helped produce videos, photos, and our website, and everyone who has supported us emotionally and intellectually through the years.

Pamina Sebastião is an “artist” and a co-founder of Arquivo de Identidade Angolano (AIA) in Luanda, Angola.



SER VISTA

JOAN DINGATSE MSONI

Zâmbia

Era o início do verão. Eu tinha 18 anos. O ar em Lusaka era quente e seco. Enquanto me revolia na minha cama, implorando à noite que me consumisse com o sono, sabia o que tinha de fazer.

Peguei freneticamente no telemóvel, liguei para a Mwedzi e a Chimwemwe, as minhas duas melhores amigas, e disse-lhes que tinha uma coisa para lhes contar. Não tinha planeado esta conversa e estava a começar a entrar em pânico.

Antes que o medo tomasse conta de mim, as palavras “Acho que gosto de mulheres” saíram-me apressadamente da boca. Não tinha dúvidas sobre a minha atracção por mulheres, mas ainda assim falava com palavras de incerteza. Ter crescido numa Zâmbia socialmente conservadora tinha-me ensinado que as mulheres nunca deviam fazer afirmações ousadas.

A reacção das minhas amigas à minha novidade foi algo saído de um conto de fadas. Disseram-me que me amavam e me aceitavam como eu era. Falámos durante horas sobre quando é que eu soube que era queer, que tipo de mulheres gostava e se tinha uma paixão por alguém. Foi perfeito.

Nos anos seguintes, comecei a frequentar o mundo dos encontros lésbicos. Eu era uma mulher baixa e estreita, de cabelo curto e ruivo e pele cor de mel misturado com canela acabada de moer. Tinha uma decoração delicada, com belas tatuagens, piercings e roupas que deixavam os cristãos tacanhos de Lusaka furiosos. Gritavam-me frequentemente insultos e ameaçavam a minha existência.

Por vezes, quando estava em frente ao espelho, a olhar para o meu reflexo e a contemplar a forma como me exprimia, sentia-me sozinha. Como um extraterrestre. Como se tivesse chegado à Terra vinda de outro planeta e não fizesse ideia de como integrar-me ou ser “normal”.

Ansiava pelo amor perfeito que silenciasse todos os homofóbicos e fizesse valer a pena o esforço de me assumir. Procurei “A Tal”: A mulher que me arrebataria; A que me amaria incondicionalmente; A que me daria a coragem de partilhar. Procurei em todos os sítios errados e encontrei destinos amargos.

Um desses destinos foi Annie, o meu primeiro amor.

Conhecemo-nos e tivemos uma conexão instantânea. Era tudo o que eu tinha sonhado, mas, como qualquer sonho, era uma ilusão. Depressa descobri os seus vícios, as traições, as mentiras e inúmeras coisas que ficaram por contar. O meu primeiro amor foi um rude despertar.

À medida que as coisas com a Annie se desenrolavam, dei por mim submersa numa busca de aceitação e compreensão. Depressa me apercebi que ser queer não era nada parecido com as coloridas demonstrações de amor e aceitação que filmes como “Love, Simon” prometiam.

Quando não estava a ser atormentada por colegas de turma, estava a responder com raiva a estranhos nas redes sociais que tinham decidido que ser eu própria era pior do que ser um cão.

A minha saúde mental foi-se degradando a cada dia que passava. Tornei-me ansiosa e deprimida, exausta e zangada. Estava farta de pedir desculpa por ter nascido. Estava zangada com o facto de pessoas queer como eu terem de lutar todos os dias apenas para existir, rebaixando-se para uma sociedade que nunca nos amou. Sabia que tinha de fazer alguma coisa.

Comecei a usar a minha voz nas redes sociais para defender pessoas como eu, cujo amor e identidade estavam a ser debatidos e atacados. Estabeleci contacto com outras mulheres queer que partilhavam histórias como a minha. Também elas tinham uma paixão ardente pela mudança e estavam a usar as suas vozes para contar histórias LGBTQ+ e melhorar as nossas vidas.

Um dia, uma mulher que tinha conhecido online convidou-me para uma reunião de mulheres queer. Assim que cheguei ao local, o meu coração saltou de entusiasmo e medo.

Nunca tinha encontrado um grupo de pessoas como eu na Zâmbia. Por vezes, cheguei mesmo a perguntar-me se as outras mulheres queer seriam um mito; se eu estaria sozinha.

Falámos das nossas lutas e alegrias, dos nossos sonhos e objectivos, mas o que mais se destacou para mim foi a amizade que tinham umas com as outras. Naquele momento, fiquei impressionada.

Pensei nas minhas amigas Mwedzi e Chimwemwe. A primeira vez que fiquei com o coração partido, elas vieram a correr para o meu lado com vinho e frango. Falámos das nossas emoções e chorámos a noite toda. Apercebi-me que sempre nos tivemos um ao outro.

Pensei nas vezes em que fui vítima de bullying e como elas sempre me defenderam, nas vezes em que quis desistir e elas se tornaram a

minha esperança e eu a delas. Nesse momento, percebi que nunca tinha estado sozinha e que não tinha qualquer desejo de ser aceite por pessoas que me perseguiam.

Tudo o que eu precisava sempre esteve à minha frente. Já tinha encontrado o meu pote de ouro no fim do arco-íris. Não veio sob a forma de uma amante ou de uma sociedade que me aceita. Veio na forma da nossa bela irmandade. E é isso que significa ser vista.



Joan Dingatse Msoni é uma feminista da Zâmbia que luta pelos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIA+. Tem uma paixão pelas artes e utiliza as redes sociais para promover a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos.

TO BE SEEN

JOAN DINGATSE MSONI

Zambia

It must have been the beginning of summer. I was 18. The air in Lusaka was warm and dry. As I tossed around in my bed, begging the night to consume me with sleep, I knew what I had to do.

I frantically picked up my phone and called Mwedzi and Chimwemwe, my two best friends, and said I had something to tell them. I hadn't really planned this conversation and was starting to panic.

Before fear could take over, the words "I think I like women" rolled hastily off my tongue. I had no doubt about my attraction to women but still spoke in words of uncertainty. Growing up in socially conservative Zambia had taught me that women should never make bold claims.

My friends' reaction to my news was something out of a fairytale. They told me they loved and accepted me for me. We talked for hours about when I knew I was queer, what type of women I liked, and if I had a crush on anyone. It was perfect.

Over the next few years, I began navigating the world of lesbian dating. I was a short, slender lady with a tiny red afro and skin the colour of honey blended with freshly ground cinnamon. I was delicately decorated with beautiful tattoos, piercings, and clothing that made Lusaka's narrow-minded Christians go ballistic. They often shouted slurs at me and threatened my existence.

Sometimes, as I stood in front of the mirror staring at my reflection and contemplating how I expressed myself, I felt alone. Like an alien. As though I'd landed on Earth from another planet and had no idea how to fit in or be "normal".

I craved the perfect love that would mute all the homophobes and make coming out worth the struggle. I searched for "The One": The One woman who would sweep me off my feet; The One who would love me unconditionally; The One who would give me the courage to share. I searched in all the wrong places and met bitter fates.

One such fate was Annie, my first love.

We met and immediately connected. It was everything I'd dreamed of, but like any dream, it was an illusion. I soon found out about her addictions, the cheating, the lies, and countless things left untold. My first love was a rude awakening.

As things with Annie unravelled, I found myself submerged in a quest for acceptance and understanding. I soon realised being queer was nothing like the colourful displays of love and acceptance that movies like "Love, Simon" had promised.

When I wasn't being tormented by classmates, I was angrily responding to strangers on social media who had decided that being myself was worse than being a dog.

My mental health declined with every passing day. I grew anxious and depressed, exhausted and angry. I was tired of apologising for being born. I was angry that queer people like me had to fight every day merely to exist, shrinking ourselves for a society that had never loved us. I knew I had to do something.

I started using my voice on social media to defend people like me whose love and identity were being debated and attacked. I connected with other queer women who shared stories like mine. They too had a burning passion for change and were using their voices to tell LGBTQ+ stories and improve our lives.

One day a woman I had connected with online invited me to a meeting for queer women. As soon as I arrived at the venue, my heart skipped with excitement and fear.

I had never met a group of people like me in Zambia. At times I even wondered if other queer women were a myth; if I was all alone.

We talked about our struggles and joys, our dreams and goals, but what stood out to me most was the friendship they had with one another. In that moment, it struck me.

I thought about my friends Mwedzi and Chimwemwe. The first time I got my heart broken, they rushed to my side with some wine and chicken. We talked about our emotions and cried the night away. I realised we had always had each other.

I thought about the times I was bullied and how they always stood up for me, the times I wanted to give up when they became my hope and I theirs. In that moment I realised I had never been alone, and that I had no desire to be accepted by people who persecuted me.

Everything I needed had always been right in front of me. I had already found my pot of gold at the end of the rainbow. It did not come in the shape of a lover or an accepting society. It came in the form of our beautiful sisterhood. And that's what it means to be seen.



Joan Dingatse Msoni is a feminist from Zambia who fights for the rights of women and the LGBTQIA+ community. She has a passion for the arts and uses social media to advance sexual and reproductive health and rights.



TRANSFORMAR A DOR EM GANHO

ATAMAN KIOYA

Nigéria

Quando era um rapazinho no Sul da Nigéria, era tratado e criado como uma princesa. Até aos cinco anos, a minha mãe e os meus irmãos mais velhos vestiam-me com roupas femininas e viam-me desfilhar como uma modelo. Eu usava vestidos, sapatos, malas e perucas da minha irmã e desfilava maquilhado pelo quarteirão. Os vizinhos batiam palmas e sorriam, por vezes oferecendo-me dinheiro e outros presentes. Eu precisava que toda a gente me visse na minha beleza e no meu elemento; que me visse como uma estrela; que visse o meu poder.

Este poder durou pouco tempo. Quando entrei para a escola primária, os meus vizinhos, colegas e professores começaram a intimidar-me e a chamar-me “maricas” e outros nomes depreciativos. Eu não conseguia não ser efeminado. Era assim que eu era. Passei de estrela a pária.

Um dia, os meus colegas levaram-me até um lago e quase me atiraram lá para dentro. Gritei e implorei-lhes que parassem, até que um professor acabou por intervir. Mudei de escola, mas o bullying continuou. Não tinha amigos e não conseguia contar a ninguém que estava a ser vítima de bullying, nem mesmo aos meus irmãos. Os meus pais não conseguiam compreender o meu trauma nem dar muito apoio emocional. A minha autoestima caiu a pique.

À medida que fui crescendo, apercebi-me que me sentia atraído por outros rapazes. Não sabia que havia um nome para este tipo de atracção, só sabia que era “estranho”. Como se não bastasse ser vítima de bullying por ser efeminado, agora tinha de lidar com esta atracção tabu. Rezei e desejei que ela desaparecesse, sem qualquer resultado.

Tinha 13 anos quando alguém me chamou “homossexual” pela primeira vez. Estávamos a brincar ao “pai e mãe”, eu no papel de mãe e um colega do sexo masculino no papel de pai. Neste jogo, partilhamos a cama, como fazem os casais. Tive uma erecção e toquei-lhe. Ele saiu a correr e contou aos outros miúdos o que tinha acontecido. “Homossexual, xual, xual”, gozavam eles. Os meus pais souberam do incidente e bateram-me com um cabo de televisão. “Não me vais desonrar nesta casa”, gritava o meu pai enquanto me batia sem parar.

Fiquei na minha concha durante os anos seguintes, relacionando-me com outras pessoas queer apenas nas redes sociais. Em 2014, aos 20 anos, fui para um encontro amoroso com alguém que conheci online. Cheguei entusiasmado, mas fui emboscado, espancado e roubado. Os criminosos tiraram-me o telemóvel e obrigaram-me a desbloqueá-lo, tendo acesso a todos os meus contactos.

O trauma perdurou. Desenvolvi um distúrbio de ansiedade. Estava zangado com o mundo, comigo próprio. Queria morrer, queria que tudo acabasse. Sentia-me tão só. Ninguém compreendia a minha dor. A minha salvação foi o facto de a minha família não ter descoberto. Isso deu-me esperança para continuar a viver.

Quando continuei os meus estudos depois do liceu, tentei disfarçar a minha expressão de género para não voltar a ser rotulado de “homossexual”. Canalicizei a minha raiva para o trabalho e tentei não envergonhar a minha família. Publicamente, mantive-me no armário, mas, em privado, comecei a ajudar outros homens considerados “efeminados” a traçar os seus próprios caminhos. Entrei para o departamento de aconselhamento da minha universidade e partilhei a minha história com esses homens, ensinando-os a manterem-se seguros na Internet e no mundo.

Comecei a trabalhar como voluntário numa organização sem fins lucrativos que trabalha com jovens para acabar com o bullying e outras formas de violência. Este trabalho de sensibilização fez-me perceber a importância da minha voz e garantiu-me que estou no caminho certo.

O meu trabalho específico para a comunidade LGBTQI+ começou realmente em 2019, primeiro como educador de pares, depois como responsável pelos meios de comunicação social e comunicações e agora como responsável pelos programas na Equality Triangle Initiative, uma organização de defesa dos direitos humanos e da saúde que trabalha para promover os direitos das minorias sexuais e de género na Nigéria. Nada apaga o trauma que vivi, mas pelo menos agora aproveito-o para ajudar os jovens LGBTQI+ a fazerem boas escolhas enquanto vivem as suas próprias vidas.

Ataman Ehikioya é um defensor dos direitos humanos e responsável pelos programas da Equality Triangle Initiative em Warri, Nigéria.

TURNING PAIN INTO GAIN

ATAMAN KIOYA

Nigeria

As a young boy in Southern Nigeria I was treated and cared for like a princess. Until I was five, my mom and older siblings would dress me in female clothes and watch me catwalk like a model. I'd wear my sister's dresses, shoes, bags, and wigs and strut around the block in makeup. Neighbours would clap and smile, sometimes offering me money and other gifts. I needed everyone to see me in my beauty and in my element; to see me as a star; to see my power.

This power was short-lived. When I started primary school, my neighbours, classmates, and teachers started bullying me and calling me "boy-girl" and other derogatory names. I couldn't help being effeminate. That's just how I was. I went from being a star to being a pariah.

One day my classmates carried me to a pond and nearly threw me in. I screamed and begged for them to stop until a teacher finally intervened. I changed schools, but the bullying continued. I had no friends and couldn't bring myself to tell anyone I was being bullied, not even my siblings. My parents couldn't understand my trauma or offer much emotional support. My self-esteem plummeted.

As I grew older, I realised I was attracted to other boys. I didn't know there was a name for this kind of attraction, I just knew it was "weird". As though it weren't enough to be bullied for being effeminate, I now had to deal with this taboo attraction. I prayed and wished it away, to no effect.

I was 13 when someone first called me "homosexual". We were playing "father and mother", with me in the mother role and a male peer as father. In this game, we shared a bed, as couples do. I got an erection and touched him. He ran out and told the other kids what happened. "Homosexual, xual, xual", they teased. My parents heard about the incident and beat me with a TV cord. "You will not disgrace me in this house", my father shouted as he flogged me relentlessly.

I stayed in my shell for the next few years, only connecting with other queer folks on social media. In 2014, at age 20, I went for a hook-up with someone I met online. I arrived excited, only to be ambushed, beaten, and robbed. The perpetrators took my phone from me and forced me to unlock it, gaining access to all my contacts.

The trauma lingered. I developed an anxiety disorder. I was angry at the world, at myself. I wanted to die, for everything to end. I felt so alone. No one understood my pain. My one saving grace was that my family didn't find out. That gave me hope to keep living.

As I continued my studies after high school, I tried to mask my gender expression so as not to be tagged "homosexual" again. I channelled my anger into work and tried not to embarrass my family. Publicly, I remained closeted, but privately, I started helping other men deemed "effeminate" to chart their own paths. I joined the counselling department at my university and shared my story with these men, teaching them how to stay safe online and out in the world.

I started volunteering with a non-profit organisation that works with youth to end bullying and other forms of violence. This advocacy work made me realise how important my voice is, and reassured me that I'm on the right path.

My LGBTQI+-specific work really began in 2019, first as a peer educator, then as a media and communications officer, now as a programmes officer at Equality Triangle Initiative, a human rights and health advocacy organisation that works to advance the rights of sexual and gender minorities in Nigeria. Nothing erases the trauma I've experienced, but at least now I leverage it to help young LGBTQI+ people make good choices as they navigate their own lives.

Ataman Ehikioya is a human rights advocate and the programmes officer at Equality Triangle Initiative in Warri, Nigeria.



PROVOCADO PARA UM OBJECTIVO

KHANYISILE PHILLIPS

África do Sul

Numa zona da Cidade do Cabo dominada por gangues e infestada de droga, os meus pais partilharam uma história de amor pouco convencional. A minha mãe era trabalhadora do sexo e o meu pai varria as ruas como “homem do lixo”. Estávamos nos anos 80 em Manenberg, um município maioritariamente “de cor” na África do Sul racialmente dividida, onde os jovens temiam e idolatravam os gangsters que viam a rondar as ruas nos seus carros vistosos e roupas de marca. Os meus pais conheceram-se numa discoteca, numa noite relaxada, e pouco tempo depois constituíram família. É aí que começa a minha história.

Na noite em que nasci, a parteira disse à minha mãe com alegria que tinha dado à luz um lindo menino. O meu pai queria uma menina, enquanto a minha mãe apenas rezava por uma criança saudável. Dois anos mais tarde, nasceu a minha irmã e melhor amiga Lerry. A enfermeira declarou-a menina e, com isso, começou para mim uma vida inteira de condicionamento de género.

“Tu és o irmão mais velho dela! Agora o teu nome é Boeta (“irmão” em afrikaans)”, disseram-me os meus pais. Que peso tem um nome, não é? Mas Boeta era mais do que uma alcunha. Reforçava uma identidade indesejada, baseada apenas no que estava pendurado entre as minhas belas coxas. Era um nome que rapidamente comecei a desprezar.

Apesar da minha nova alcunha, adorava ter uma irmã. Partilhámos uma ligação indestrutível enquanto crescíamos, mas também a invejava por ter “brinquedos de menina” e poder exprimir abertamente a sua “feminilidade”. Eu só conseguia exprimir a minha feminilidade quando brincávamos às casinhas com outras crianças da nossa rua. Eu insistia sempre em ser a mãe e escolhia um dos rapazes da zona para fazer de pai da Lerry. Esses eram os meus momentos preferidos de auto-expressão. Por vezes, preocupava-me que a Lerry pudesse contar ao meu pai que eu insistia em fazer o papel de mãe, mas ela protegia-me sempre.

Aos oito anos, um membro mais velho da família destruiu a inocência da minha infância. Uma noite, ele esfregou-se em mim. Ainda consigo sentir o seu cheiro forte, para sempre enraizado na minha memória. Sei agora que ele cometeu frotteurismo. Sentia a excitação dele. “Gostas?”, perguntou-

me ele. Não tive hipótese de responder. Para ele, o meu silêncio era um consentimento. É curioso como são sempre as pessoas em quem confiamos, aquelas que admiramos, que se aproveitam de nós. Isto tornou-se o meu novo “normal”. Era a primeira vez que um “rapaz” – um homem – olhava para mim de forma romântica. Ele viu a rapariga dentro de mim a gritar para sair e afirmou-me, ou pelo menos foi isso que a sua violência sexual me fez acreditar.

Quando era adolescente, passava grande parte do meu tempo na igreja. A minha avó era crente da igreja pentecostal e levava-me sempre com a minha irmã à missa de domingo. Gostávamos das actividades e das canções. Com a minha persistência, tornei-me um dos primeiros “rapazes” da igreja a fazer danças espirituais com as raparigas. Ouvia Deus a chamar-me através da vibração dos tambores e do coro de três elementos, mas o Apóstolo da nossa igreja disse que a minha vocação vinha com letras pequeninas: Eu tinha de ser quem Deus me tinha feito para ser – um rapaz. De repente, fui apelidado de “irmão” e os líderes da igreja começaram a citar-me escrituras que reforçavam as palavras do meu pai: “És um rapaz, tens de agir como tal!”. A igreja pode ser um lugar perigoso para pessoas que se parecem e se sentem como eu.

Aos 19 anos, a minha vida mudou para sempre. Os meus pais faleceram e eu assumi o papel de uma verdadeira “figura materna” para criar os meus três irmãos mais novos. Nunca imaginei que brincar às casinhas em criança se tornasse mais do que um jogo, mas a vida tem uma forma peculiar de nos dar lições. Foi uma época difícil, lutando para permanecer no armário como mulher trans e escondendo-me entre a religião e uma fachada que acabou por se desfazer numa noite em que já não conseguia manter o meu “segredo”. Era altura de deixar de lado a culpa e a vergonha que sentia por ter negado ao mundo a autêntica Khanyi durante tanto tempo. Dei o salto e abracei o meu verdadeiro eu.

O activismo nunca foi o meu alvo, mas toda a minha existência provocou-me para um objectivo: uma mulher transgénero de cor, pobre e incompreendida. Esperava que, ao partilhar a minha experiência de vida, pudesse encorajar a próxima rapariga trans negra a amar-se e a assumir a sua identidade, independentemente do que o sistema dissesse. Tinha uma paixão por fazer mais, dar mais e ser uma voz para a mudança.

Uma vida inteira de dor fez de mim a activista que sou hoje. Moldou o meu feroz espírito activista interseccional e acendeu a minha paixão pela justiça social, pelos direitos humanos e pela democracia constitucional. Nunca imaginei que o “Boeta” confuso, triste e isolado da minha juventude

se tornaria a poderosa activista dos direitos dos transexuais que as pessoas veem hoje, uma voz forte para uma comunidade que é demasiadas vezes ostracizada, rejeitada, deserdada e negada. Mesmo que pudesse fazer recuar os ponteiros do tempo e apagar as dificuldades que enfrentei, não o faria. Sou quem sou hoje por causa de tudo o que vivi.

O caminho para o activismo nunca é fácil. A luta é a substância; mexe com as nossas emoções, com a nossa psique e com o nosso bem-estar físico. Envolve-me no activismo com coragem; torno-me selvagem, como se a minha vida dependesse disso, porque para muitos dos meus irmãos queer em todo o continente africano a vida realmente depende disso. Estamos a viver tempos sem precedentes, com governos e sociedades a lutar para nos criminalizar, prender e eliminar por abraçarmos quem somos. Enquanto as comunidades queer de outros países olham para a África do Sul em busca de apoio e solidariedade para alcançar a igualdade, a liberdade e a dignidade humana, as palavras da activista feminista Audre Lorde soam bem alto na minha mente: “Não serei livre enquanto houver uma mulher presa, ainda que os seus grilhões sejam muito diferentes dos meus”.

A minha mãe sempre chamou-me lutadora feroz. Está na altura de lutar.

Khanyisile Phillips é a Responsável pela Promoção da Educação na Gender Dynamix. Ela é uma activista feminista interseccional trans que se baseia em várias inspirações ideológicas feministas queer negras para promover a justiça socioeconómica, racial e de género.

PROVOKED TO PURPOSE

KHANYISILE PHILLIPS

South Africa

Set in a gang-ridden, drug-infested area of Cape Town, my parents shared an unconventional love story. My mom was a sex worker, and my father swept the streets as a “dirt man”. It was the 1980s in Manenberg, a mostly “Coloured” township in racially divided South Africa, where young people feared and idolised the gangsters they saw prowling the streets in their flashy cars and designer clothes. My parents met clubbing one carefree night, and soon started a family together. That’s where my story begins.

The night I was born, my mother’s midwife joyfully told her that she had a beautiful baby boy. My father had hoped for a girl, while my mother just prayed for a healthy child. Two years later, my sibling and best friend Lerry was born. The nurse declared her a girl, and with that, a lifetime of gender conditioning began for me.

“You are her older brother! Your name’s Boeta (“brother” in Afrikaans) now”, my parents told me. What’s in a name, right? But Boeta was more than a nickname. It reinforced an unwanted identity based solely on what hangs between my beautiful thighs. It was a name I quickly grew to despise.

Despite my new nickname, I loved having a sister. We shared an indestructible bond growing up, but I also envied her for having “girl toys” and being able to express her “girliness” openly. I could only express mine when we played house with other children on our road. I always insisted on being the mom and would choose one of the local boys to play Lerry’s father. These were my favourite moments of self-expression. I sometimes worried that Lerry might tell my dad that I insisted on performing the mom role, but she always had my back.

At eight years old, an older family member shattered the innocence of my youth. One night he rubbed himself against me. I can still smell his strong scent, forever ingrained in my memory. I now know he committed frotteurism. I could feel his excitement. “Do you like it?” he asked me. I didn’t have a chance to respond. To him my silence was consent. Funny how it’s always the people you trust, the ones you look up to, who take advantage

of you. This became my new “normal”. It was the first time a “boy” – a man – had looked at me romantically. He saw the girl inside me screaming to come out and affirmed me, or so his sexual violence led me to believe.

As a teenager, I spent much of my time in church. My grandma was a Pentecostal believer, and she would always take me and my sister with her to Sunday service. We enjoyed the activities and the songs. Through my persistence, I became one of the first “boys” in the church to perform spiritual dances with the girls. I heard God calling me through the vibration of the drums and three-piece choir, but the Apostle at our church said my calling came with fine print: I had to be who God made me to be – a boy. All of a sudden I was dubbed “brother” and church leaders started quoting scripture at me that reinforced my father’s words: “You’re a boy, you must act like one!”. The church can be a dangerous place for people who look and feel like I do.

At 19 my life changed forever. Both my parents passed away, so I stepped up as a real “mother figure” to raise my three younger siblings. I never imagined that playing house as a child would become more than a game, but life has a way of coming at you. This was a trying time, battling to remain in the closet as a trans woman and hiding between religion and a façade that ultimately unravelled one night when I could no longer hold onto my “secret”. It was time to let go of the guilt and shame I felt for denying the world the authentic Khanyi for so long. I took the leap and embraced my true self.

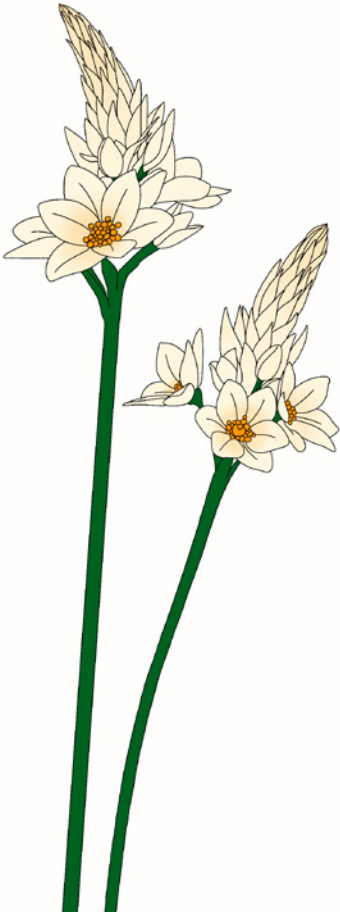
Activism was never my goal, but I was provoked to purpose by my entire existence: a transgender woman of colour, poor and misunderstood. I hoped that by sharing my lived experience, it would encourage the next Black trans girl to love herself and to own her identity regardless of what the system says. I had a passion to do more, give more, and be a voice for change.

A lifetime of pain made me the activist I am today. It moulded my fierce intersectional activist spirit and ignited my passion for social justice, human rights, and constitutional democracy. I never imagined the confused, sad, isolated “Boeta” of my youth would become the powerful trans rights activist people see today, a strong voice for a community that is too often ostracised, rejected, disowned, and denied. Even if I could turn back the hands of time and erase the hardships I’ve faced, I wouldn’t. I am who I am today because of everything I’ve experienced.

The journey to activism is never easy. The struggle is the substance; it tugs on your emotions, your psyche, and your physical well-being. I engage in activism boldly; I become a savage, like my life depends on it, because for many of my queer siblings across the African continent it does. We’re facing

unprecedented times with governments and societies fighting to criminalise, imprison, and erase us for embracing who we are. As queer communities in other countries look to South Africa for support and solidarity to achieve equality, freedom, and human dignity, the words of feminist activist Audre Lorde ring loudly in my mind: “I am not free while any woman is unfree, even when her shackles are very different from my own.”

My mom always called me a fierce fighter. It’s time to fight.



Khanyisile Phillips is the Education Advocacy Officer at Gender Dynamix. She is a trans intersectional feminist activist who draws on various black queer feminist ideological inspirations to advocate for socioeconomic, racial, and gender justice.



VER O AMARELO

YUCK MIRANDA

Moçambique

Stella, palavra latina que significa “estrela”, era a irmã do meio de três irmãs e a estrela da sua família. Aos 16 anos, dedicava-se aos estudos e aos seus muitos talentos, incluindo a escrita e a dança.

Um dia, em 1993, perdeu a virgindade com o primeiro homem que amou, um membro de uma gangue de 19 anos, em Maputo. Pouco tempo depois, a Stella notou uma pequena estrela a crescer na sua barriga.

Não demorou muito para que eu viesse ao mundo. Nasci prematuro, mas chorei tanto que o médico percebeu que eu era forte. Não nasci para incubadoras – nem para armários.

Nos dias que se seguiram ao meu nascimento, vieram pessoas de todo o bairro para me ver, o filho de uma adolescente que nasceu sem aviso prévio. Como ninguém sabia o meu sexo, todos me traziam roupas amarelas. Parecia um bom presságio o facto de que o azul e o rosa, tradicionalmente atribuídos aos bebés, nada teriam a ver com o meu ser e a minha essência.

Usei amarelo durante toda a minha primeira infância. Quando entrei para a escola primária, tive de começar a usar o uniforme tradicional dos rapazes, com calças azuis, camisas engomadas e uma gravata ao pescoço.

Eu era o rapaz efeminado que só brincava com raparigas, filho de mãe solteira e adoptado pelos avós. Sempre que passava pelos corredores da escola, os rufias insultavam-me. Uma vez, um grupo de rapazes tentou tirar-me as calças no pátio da escola. Desde cedo percebi que a vida não ia ser fácil, mas sobrevivi. Ganhei autonomia e mantive a minha posição, mas também perdi partes de mim em cada luta.

Quando atingi a adolescência, resolvi mudar de escola e tornar-me um rapaz “normal”. Pensei que se ninguém me conhecesse, eu poderia ser outra pessoa. Iria andar e falar como os outros rapazes, vestir-me como eles, fazer travessuras. Mas o meu plano falhou. Quando cheguei à nova escola, continuava a ser o mesmo adolescente efeminado, o que atraía todo o tipo de ameaças. Um rapaz obrigou-me a pagar-lhe para não me bater. Quando o ano lectivo terminou, pedi à minha avó que me mandasse para outra escola. Mas já não conseguia fugir de mim próprio.

Com o passar dos anos, cresci e abracei a minha essência. Trabalhei para me tornar uma diva do teatro. Em 2017 eu era actor na maior companhia de teatro profissional de Moçambique. Estava a viver o meu sonho num lugar onde as pessoas me respeitavam, respeitavam a minha orientação sexual e as minhas identidades de género. Então, o meu pai ausente apareceu do nada.

Onde quer que eu fosse, as pessoas diziam que o meu pai andava à minha procura. Por fim, movido pela ansiedade e por alguma necessidade interna, talvez a esperança de um pai que me protegesse, telefonei-lhe.

Combinámos tomar um café depois de um dos meus ensaios. Cheguei primeiro ao café, com as pernas a tremer de ansiedade. Mal podia esperar que o meu pai chegasse.

Quando ele chegou, manteve um olhar distante e fez-me as perguntas que os pais ausentes fazem.

“Como estás, filho? Onde é que vives agora? Já acabaste a escola? Estás na universidade? E continuas a fazer arte? Isso não te leva a lado nenhum, meu filho”.

As suas perguntas foram-se esbatendo e a nossa conversa estagnou. Perguntei porque é que ele me procurava. Ele respondeu com outra pergunta.

“Filho, do que é que realmente gostas?”

Percebi o que o meu pai queria saber e não hesitei em responder.

“Pai, sou homossexual desde que me conheces como pessoa”.

“Sabes que pessoas como tu são mortas?”

“Sei muito bem. Mas não é o caso em Moçambique. Nunca tivemos um caso desses aqui.”

O meu pai fixou o olhar.

“Ainda não tivemos um caso, mas acho que poderemos ter.”

Levantou a camisa, sacou uma arma e colocou-a sobre a mesa.

“Mata-me, pai, se é esse o teu desejo. És tão covarde para vires com uma arma.”

“Não me provoques, Yuck. Eu sou bandido e tu sabes disso. Eu mato-te.”

A tremer, levantei-me para sair do restaurante, mas ele encostou-me a arma à testa. Vi a morte – escura e sóbria. Quando pensei que iria passar desta para melhor, o meu pai correu para o seu Mercedes e arrancou.

Na minha luta para me manter vivo e longe do meu pai, recorri à polícia local e aos tribunais, mas ninguém me protegeu. “Tu vives num país seguro para as pessoas LGBTQ+”, disseram-me, “vai procurar um psicólogo”.

Apesar do meu medo e da minha dor, havia uma força dentro de mim que não cedia. O meu coração parecia uma bomba-relógio, mas eu sabia que tinha de contar a minha história e dar voz a outras piores do que a minha.

Foi assim que o meu projecto “Identidades Não-Identificadas” começou em 2018. Usando o ativismo, partilho a minha história e mais de 200 outras que recolhi de pessoas LGBTQ+ em Moçambique, África do Sul, Ruanda, França e Finlândia, para que as pessoas possam compreender as realidades diárias que as comunidades LGBTQ+ enfrentam nestes supostos “espaços seguros” onde os nossos direitos e dignidade continuam a ser violados.

Este projecto é uma provocação à criação de verdadeiros espaços seguros que nos protejam, não apenas no papel, mas nas nossas casas, nos nossos corpos e nas nossas ruas. Só então estaremos seguros e livres.

Yuck Miranda é um actor e artista moçambicano que vive em Maputo. O seu trabalho de promoção criativo e o ativismo promovem os direitos LGBTQ+, os direitos das crianças e a igualdade de género.

SEEING YELLOW

YUCK MIRANDA

Mozambique

Stella, Latin for “star”, was the middle of three sisters and the star of her family. At 16, she was dedicated to her studies and many talents, including writing and dancing.

One day in 1993, she lost her virginity to the first man she loved, a 19-year-old gang member in Maputo. Soon Stella noticed a little star growing in her belly.

It didn’t take long for me to come into the world. I was born prematurely but cried so hard the doctor knew I was strong. I wasn’t born for incubators – or closets.

In the days after my birth, people came from all over the neighbourhood to see me, the son of a teenager born without warning. As no one knew my gender, everyone brought me yellow. It seemed like a good omen that the blue and pink traditionally assigned to babies would have nothing to do with my being and essence.

I wore yellow throughout my early childhood. When I went to elementary school, I had to start wearing the traditional boys’ uniform of blue pants, starched shirts, and a tie around my neck.

I was the effeminate boy who only played with girls, the son of a single mother adopted by his grandparents. Whenever I passed through the school corridors, bullies would insult me. Once, a group of boys tried to take off my pants in the school yard. I realised early on that life wouldn’t be easy, but I survived. I gained autonomy and stood my ground, but I also lost parts of myself with every fight.

When I reached adolescence, I resolved to change schools and become an “ordinary” boy. I thought if nobody knew me, I could be someone else. I would walk and talk like the other boys, dress like them, get up to mischief. But my plan failed. When I arrived at the new school, I was still the same effeminate teen, which meant all sorts of threats. One boy made me pay him to not beat me up. When the school year ended, I asked my grandmother to send me to another school. But I couldn’t run away from myself anymore.

As the years went on, I grew up and embraced my essence. I worked towards becoming a theatre diva. In 2017 I was acting with the largest professional theatre company in Mozambique. I was living the dream in a place where people respected me, my sexual orientation, and my gender identities. Then my estranged father appeared out of nowhere.

Wherever I went, people would say my father was looking for me. Eventually, driven by anxiety and some internal need, maybe the hope of a father protecting me, I called him.

We arranged to have coffee after one of my rehearsals. I arrived at the café first, my legs shaking anxiously. I couldn't wait for Dad to arrive.

When he did, he maintained a faraway look and asked me the questions absent fathers do.

"How are you, son? Where are you living now? Have you finished school? Are you at university? And you're still doing art? That won't get you anywhere, my son."

His questions petered out, and our conversation stalled. I asked why he was looking for me. He answered with another question.

"Son, what do you really like?"

I could tell what my father wanted to know and didn't hesitate to answer.

"Dad, I've been homosexual ever since you understood me as a person."

"Do you know that people like you are killed?"

"I know that very well. But that's not the case in Mozambique. We've never had a case like that here."

My father fixed his gaze.

"We haven't had a case yet, but I think we might."

He lifted up his shirt to reveal a gun and placed it on the table.

"Shoot me, Dad, if that's your wish. You're so cowardly to come with a gun."

"Don't provoke me, Yuck. I'm a thug and you know it. I'll kill you."

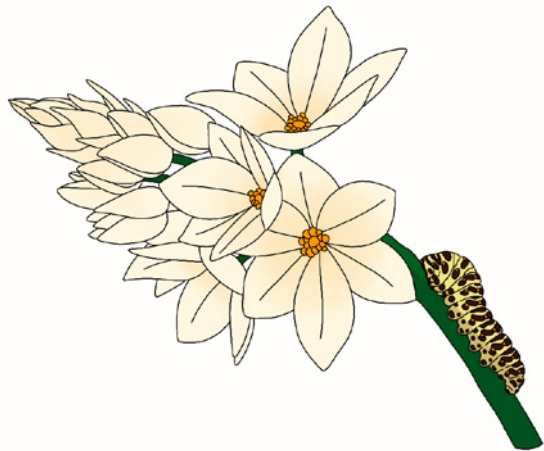
Shaking, I got up to leave the restaurant, but he put the gun to my forehead. I saw death – dark and sober. Just when I thought I would see the afterlife, my father rushed out to his Mercedes and sped off.

In my struggle to stay alive and away from my father, I fought with the local police and in court, but no one protected me. "You live in a country that's safe for LGBTQ+ people", they told me, "Go talk to a psychologist".

Despite my fear and pain, there was a strength inside me that wouldn't give in. My heart felt like a ticking bomb, but I knew I had to tell my story and give voice to those worse than my own.

That's how my project "Non-Identified Identities" began in 2018. Using activism, I share my story and more than 200 others I've collected from LGBTQ+ people in Mozambique, South Africa, Rwanda, France, and Finland so that people can understand the daily realities LGBTQ+ communities face in these supposedly "safe spaces" where our rights and dignity are still violated.

This project is a provocation to create real safe spaces that protect us not just on paper but in our homes, in our bodies, and in our streets. Only then will we be safe and free.



Yuck Miranda is a Mozambican actor and performer in Maputo. His creative advocacy and activism advance LGBTQ+ rights, children's rights, and gender equality.



O MEU SERMÃO SOBRE AMOR-PRÓPRIO

DIANA KARUNGI

Uganda

Nasci no auge do período kutendereza, uma revolução cristã pentecostal que tomou conta do Uganda no final da década de 1980. Igrejas “cheias do Espírito” surgiram por todos os subúrbios poeirentos de Kampala, atraindo multidões de ugandeses pobres e da classe média que deixavam de frequentar as principais denominações cristãs, mais liberais do ponto de vista teológico. Entretanto, enquanto este êxodo para a salvação se desenrolava, a SIDA assolava o país.

A minha família era multiétnica, numa altura em que os casamentos intertribais ainda eram tabu. A minha mãe, uma mulher tradicional Muganda, era uma devota “mulokole”, que significa cristã nascida de novo, enquanto o meu falecido pai era um homem Mutooro anglicano convicto. Talvez devido aos princípios religiosos que nos foram incutidos desde tenra idade, adoptámos uma política de “não perguntar, não contar” no que diz respeito às questões LGBTQ+. Nunca questionámos ou falámos sobre SIDA, saúde mental, abuso infantil, expressão de género, sexualidade ou outros assuntos sensíveis. Este silêncio prejudicava-me a mim e aos meus irmãos. Guardámos o que sentíamos e sofremos em silêncio.

Apercebi-me da minha atracção por raparigas aos cinco anos, mas não sabia o que significavam esses sentimentos. Numa manhã chuvosa de domingo, quando tinha sete anos, estava sentada num banco do edifício de madeira bolorenta que servia de escola dominical, quando o sermão da igreja vizinha me chamou a atenção. Ouvi o pastor gritar a plenos pulmões que “Sodoma e Gomorra” tinham sido incendiadas devido à “ebisiyaga”, que se traduz livremente por “homossexualidade”. O intérprete do pastor fez eco das suas palavras na língua local e a congregação concordou com um “AMÉM” em voz alta.

Esta história e a reacção da congregação intrigaram-me. Porque é que Sodoma e Gomorra suscitaram tal reacção? Esgueirei-me para dentro da igreja para ouvir e escondi-me ao fundo, numa cadeira de plástico partida. No seu frenesim, os adultos deixaram-me passar despercebido. Vi o pastor andar agressivamente pelo palco perante a congregação, imerso num balbuciar de línguas, enquanto expulsava os “demónios da homossexualidade” do

Uganda. Vi a maioria das pessoas adultas a saltar e a bater os pés no chão, levantando nuvens de poeira enquanto seguravam as suas Bíblias bem alto – quase em êxtase – enquanto pediam que a ira de Deus caísse sobre outros seres humanos.

Foi a primeira vez que atribuí uma palavra àquilo que eu era e à minha atracção pelo mesmo sexo. Eu era homossexual e, tal como eles o descreveram, o meu pecado podia destruir cidades. A ira de Deus era contra a minha espécie. Esse sermão despoletou em mim fortes sentimentos de aversão, isolamento e rejeição. Fez-me odiar a igreja e não gostar da minha família, especialmente da minha mãe, que abraçou esta religião que demonizava a minha existência.

Seguiram-se anos de estigma, autocrítica e baixa autoestima. As minhas emoções alimentaram tentativas falhadas de suicídio e um período de automutilação, cortando-me e queimando-me, enquanto tentava matar o gay dentro de mim. Por fim, a minha mãe e os meus amigos – sem saberem da minha luta interna – salvaram-me da morte.

“Basta!” gritava a minha mãe e chorava sempre que eu tinha uma crise. Os seus gritos levaram-me à terapia, que na altura não me serviu de nada. Os pastores tentaram exorcizar-me, mas nada conseguia acabar com a minha atracção por mulheres. Rezei incessantemente, mas as minhas súplicas ficaram sem resposta.

Aos 16 anos, a homofobia religiosa tinha cravado as suas garras na minha mente, colocado a amargura no meu coração e arruinado todo o meu ser. O álcool, o sexo e as festas tomaram conta da minha vida para disfarçar a vergonha e a raiva que sentia de mim próprio. Durante toda a minha adolescência, lutei para dar sentido à minha atracção; estes sentimentos que não tinham sido escolhidos por mim. A confusão reinava dentro de mim.

A minha salvação chegou em 2007 quando, aos 24 anos, finalmente me abracei e aceitei como sou. Sabia que os meus dias estavam contados se não me livrasse da tortura da não aceitação. Depois de muita autorreflexão e aconselhamento, aprendi a amar-me novamente. Lentamente, assumi o controlo da minha vida e comecei a viver a minha verdade. Libertei-me.

O Facebook tornou-se o meu melhor amigo, pois apresentou-me a uma nova tribo de pessoas como eu; pessoas com quem me identificava. Com o tempo, comecei a aceitar todas as partes de mim que, anos antes, me tinham feito sentir sem valor e indigna de ser amada.

Conhecer outros jovens queer ensinou-me a ser corajosa e deu-me a coragem de partilhar a minha história. Foi aí que a minha jornada de activismo queer realmente começou. Não queria ver outro jovem LGBTQ+ a passar pelo que eu tinha passado. Aprendi a ter empatia e bondade, e comecei a curar-me.

Agora que estou a viver fiel a mim própria como uma pessoa lésbica, ensino jovens kuchu (queer) com dificuldades semelhantes a amarem-se a si próprios. Este objectivo tornou-se a minha missão e salvação. É o meu sermão.



Diana Karungi é uma activista ugandesa dos direitos humanos e feminista queer, apaixonada pelas artes, pela justiça económica, pelo bem-estar mental e pela espiritualidade, especialmente em relação às mulheres das minorias.

MY SERMON ON SELF-LOVE

DIANA KARUNGI

Uganda

I was born at the height of the kutendereza period, a Pentecostal Christian revolution that engulfed Uganda in the late 1980s. “Spirit-filled” churches sprouted up all over Kampala’s dusty suburbs, pulling massive crowds of poor and middle-class Ugandans from attending the more theologically liberal mainstream Christian denominations. Meanwhile, as this exodus to salvation unfolded, AIDS ravaged the country.

My family was multi-ethnic at a time when inter-tribal marriages were still taboo. My mother, a traditional Muganda woman, was a devoted “mulokole”, which means born-again Christian, while my late father was a staunch Anglican Mutooro man. Maybe because of the religious principles instilled in us from a young age, we adopted a “don’t ask, don’t tell” policy in regard to LGBTQ+ issues. We never questioned or talked about AIDS, mental health, child abuse, gender expression, sexuality, or other sensitive subjects. This silence harmed my siblings and me. We bottled up what we felt and suffered quietly.

I realised my attraction to girls at age five, but didn’t know what these feelings meant. One rainy Sunday morning when I was seven, I was sitting on a bench in the mouldy wooden building that served as our Sunday school when the sermon from the adjacent church caught my ears. I heard the pastor shout at the top of his voice about “Sodom and Gomorrah” being burnt to the ground due to “ebisiyaga”, which loosely translates as “homosexuality”. The pastor’s interpreter echoed his words in the local language, and the congregation thundered “AMEN” in agreement.

This story and the congregation’s reaction intrigued me. Why did Sodom and Gomorrah elicit such a response? I snuck into the church to listen and hid near the back on a broken plastic chair. In their frenzy, the adults left me unnoticed. I watched the pastor march aggressively across the stage before the congregation, immersed in a babble of tongues, as he cast the “demons of homosexuality” out of Uganda. I saw most of the adults jump up and thump their feet, stirring up clouds of dust while holding their Bibles high – almost in ecstasy – as they called for God’s wrath to fall upon other human beings.

That was the first time I put a word to who I was and my attraction to the same gender. I was homosexual, and as they described it, my sin could destroy cities. God's wrath was against my kind. That sermon triggered powerful feelings of loathing, isolation, and rejection within me. It made me hate church and dislike my family, especially my mom, who embraced this religion that demonised my existence.

Years of stigma, self-criticism and low self-esteem followed. My emotions fuelled failed suicide attempts and a period of self-harm through cutting and burning myself, as I tried to kill the gay within me. Eventually my mother and friends – unaware of my internal struggle – saved me from death.

"Enough is enough!" my mother shouted and sobbed whenever I had an episode. Her cries led me to therapy, which at the time didn't do me any good. Pastors tried to exorcise me, but nothing could snuff out my attraction to women. I prayed ceaselessly, but my supplications went unanswered.

By age 16 religious homophobia had plunged its claws into my mind, ploughed bitterness into my heart, and ruined my entire being. Alcohol, sex, and partying took over my life to mask the shame and anger I felt towards myself. Throughout my teenage years I battled to make sense of my attraction; these feelings I had not chosen. Confusion reigned within me.

My salvation came in 2007 when, aged 24, I finally embraced and accepted myself for who I am. I knew my days were numbered if I didn't take myself out of the torture of unacceptance. After much self-reflection and counselling, I learned to love myself again. I slowly took control of my life and began speaking my truth. I set myself free.

Facebook became my best friend, as it introduced me to a new tribe of people like me; people I could vibe with. Over time I came to accept all the parts of myself that years earlier had made me feel unworthy and unlovable.

Meeting other young queer individuals taught me to be brave and gave me the courage to share my story. That's when my queer activism journey really began. I didn't want to see another young LGBTQ+ person go through what I had experienced. I learned empathy and kindness, and I started healing.

Now that I am living true to myself as a lesbian, I teach kuchu (queer) youth with similar struggles how to love themselves. This goal has become my mission and salvation. It's my sermon.

Diana Karungi is a Ugandan human rights activist and queer feminist who is passionate about the arts, economic justice, mental wellness, and spirituality, especially in relation to minority women.



A MINHA BONITA LIGADURA COR-DE-ROSA

IVANDER (ANNX) CAMBANZA

Angola

Tudo começou quando eu tinha cinco anos e vivia no Canadá, um miúdo que não fazia ideia do que os meus pais angolanos esperavam de mim e da minha masculinidade.

“Tu és rapaz, tens de falar mais alto!” gritava o meu pai. “Não brinques com bonecas”, repreendia a mãe. “Porque é que estás a ver filmes para meninas? Tu és rapaz, Ivander. Não faças isso!”

Saí do binário de género numa idade tenra, mas não me culpem por ser colorido. Culpem a bela intervenção do divino feminino por toda esta energia que ainda possuo dentro de mim. A minha história podia ter sido triste, mas se a vida nos dá limões, porque não fazer uma limonada doce e cor-de-rosa e servi-la aos nossos amigos mais bonitos?

Em criança, tive dificuldade em reconhecer Angola como o meu país de nascimento, não tendo qualquer memória do lugar a que os meus pais chamavam casa. A minha primeira percepção do mundo foi Toronto com o meu primeiro amor platónico, a Sra. Sheryl.

A Sra. Sheryl era uma mulher de um poder extraordinário, um poder que exprimia através da sua inteligência, sentido de estilo e amor sagrado por ser educadora de infância. Ela via o que havia de belo em mim e não me julgava por brincar com bonecas e póneis. Brincava comigo, fazendo-me sentir protegida e amada. Fazia-me sentir como se eu fosse sua própria filha, encantando cada experiência como um conto de fadas em que as minhas verdadeiras cores pudessem florescer.

No meu terceiro aniversário, quando a minha mãe se atrasou a trazer o bolo para podermos cantar os parabéns, a Sra. Sheryl prendeu o seu longo cabelo louro e preparou-me um bolo falso na cozinha da escola. Com a sua camisola preta de gola alta e calças de ganga, um estilo de garanhão descontraído que eu adorava, acendeu as velas e todos cantámos. Em vez de pedir um desejo, fechei os olhos, agradeci silenciosamente à Sra. Sheryl por tornar o meu aniversário tão especial e soprei as minhas três velas.

Quando eu tinha seis anos, os meus pais decidiram de repente voltar para Angola sem explicar porquê. Fiquei triste por deixar o Canadá e a Sra. Sheryl, mas o que é que eu podia fazer? Tinha de aceitar. De volta a Angola, conheci um mundo totalmente novo que não me parecia e continua a não parecer o meu lar. Os rapazes não queriam brincar comigo porque eu era demasiado feminina, e as raparigas questionavam-se porque é que a minha voz e os meus modos não eram de rapaz. Eu brincava sozinha. A nossa família alargada, de ambos os lados, tratava-me de forma agressiva e dizia-me para ser mais viril. Alguns membros da família chegaram a bater-me e os meus pais não fizeram nada.

Os meus primeiros anos de vida em Angola trouxeram-me uma dor constante e fizeram ressurgir memórias dos meus pais que me perguntavam se eu era rapaz ou rapariga e me batiam quando eu respondia “sou os dois”. Agora que compreendo melhor Angola, vejo que eles não tiveram oportunidade de aprender sobre género ou sexualidade de uma forma ampla e abrangente. Acreditavam simplesmente no que os pais lhes ensinavam sobre como os homens e as mulheres deviam ser.

Agora vivo numa zona pequena e agitada de Luanda que poderia fomentar uma comunidade queer vibrante se as pessoas aqui tivessem a oportunidade de ser livres e de ultrapassar as suas questões de género e sexualidade não resolvidas. Reflectindo sobre os meus traumas e ouvindo histórias semelhantes de outros angolanos queer, no início de 2024 criámos a Mesa Colorida, uma plataforma LGBT liderada por jovens que pretende trazer esperança aos jovens que lutam para encontrar espaços seguros onde se possam expressar livremente. Através do diálogo e de eventos, estamos ocupados a explorar formas de melhorar significativamente o contexto em que vivemos.

Valorizamos e celebramos todas as pessoas queer e encorajamos a auto-expressão através da poesia, da escrita criativa, do canto, da comédia e da criação de conteúdos, que planeamos apresentar numa nova plataforma online que ajudará a nossa estratégia de resposta aos direitos humanos.

Sabemos que a mudança é lenta, mas a nossa mensagem é “Não percas a fé”. Estamos a trazer de volta o amor-próprio, a confiança e a força e a abrir portas cheias de oportunidades para todos os jovens queers que foram magoados mas que ainda têm um coração esperançoso e aspiram a dias melhores.

A Sra. Sheryl continua a ser o meu modelo mais forte, e nenhuma outra identidade feminina teve um impacto tão positivo na minha vida. A minha mente continua a fervilhar com tudo o que ela representou e gravita em torno da sua energia. Obrigada à Sra. Sheryl por ser a minha bonita ligadura

cor-de-rosa. Ela sempre encontrou formas de alegrar os meus dias, de colocar um sorriso no meu rosto e de me encher de esperança. Sra. Sheryl, onde quer que esteja, espero que ainda se lembre da pessoa Ivander que tanto a ama!

Ivander (Annx) Cambanza é uma activista trans não-binária responsável pela Mesa Colorida, uma ONG em Angola que proporciona uma plataforma segura onde os jovens LGBT são incluídos e celebrados pela sua diversidade. Annx também trabalha como educadora de pares para famílias com irmãos LGBT e fornece apoio SRHR/HIV para melhorar a segurança das pessoas queer.

MY PRETTY PINK BANDAGE

IVANDER (ANNX) CAMBANZA

Angola

It starts way back when I was five and growing up in Canada, a little kid with no idea what my Angolan parents expected from me and my masculinity.

“You’re a boy, you need to speak up!” Dad would shout. “Don’t play with dolls”, Mom would scold. “Why are you watching movies for girls? You’re a boy, Ivander. Don’t do that!”

I stepped outside the gender binary at a fresh age, but hey, don’t blame me for being colourful. Blame the beautiful intervention of the divine feminine for all this energy I still possess inside me. My story could’ve been sad, but if life gives you lemons, why not make a sweet, pink lemonade and serve it to your prettiest pals?

As a kid, I struggled to acknowledge Angola as my country of birth, having no memory of this place my parents called home. My first perception of the world was Toronto with my first platonic love, Ms. Sheryl.

Ms. Sheryl was a woman of extraordinary power, a power she expressed through her intelligence, sense of style, and sacred love of being a kindergarten teacher. She saw the beautiful in me and didn’t judge me for playing with dolls and ponies. She’d play along, making me feel protected and loved. She made me feel as though I was her own child, enchanting every experience like a fairy tale in which my true colours could bloom.

On my third birthday, when my mom was late bringing the cake so we could sing Happy Birthday, Ms. Sheryl tied back her long blonde hair and fixed me a fake cake in the school kitchen. Sporting her signature black turtleneck and jeans, a relaxed stud style I adored, she lit up her creation and we all sang. Rather than make a wish, I closed my eyes, silently thanked Ms. Sheryl for making my birthday so special, and blew out my three candles.

When I was six, my parents suddenly decided to move back to Angola without really explaining why. I was sad to leave Canada and Ms. Sheryl, but what could I do? I had to accept it. Back in Angola, I experienced a whole new world that didn’t feel like home and still doesn’t. Boys didn’t want to play with me because I was too feminine, and girls would question why my voice and mannerisms were not boy-like. I played alone. Our extended

family on both sides treated me aggressively and told me to be more manly. Some family members even beat me, and my parents did nothing.

My early life in Angola brought constant pain and resurfaced memories of my parents asking me if I'm a boy or a girl and hitting me when I responded, "I'm both". Now that I better understand Angola, I see they didn't really have an opportunity to learn about gender or sexuality in a wide and comprehensive way. They simply believed what their parents taught them about how men and women were supposed to be.

I now live in a small and hectic part of Luanda that could foster a vibrant queer community if only the people here had a chance to be free and overcome their unresolved gender and sexuality issues. Reflecting on my traumas and hearing similar stories from other queer Angolans, in early 2024 we created Mesa Colorida (Colourful Table), an LGBT youth-led platform that aims to bring hope to young people who struggle to find safe spaces where they can express themselves freely. Through dialogue and events, we're busy exploring ways to meaningfully improve the context in which we live.

We value and celebrate every queer person and encourage self-expression through poetry, creative writing, singing, comedy, and content creation, all of which we plan to showcase on a new online platform that will aid our strategy for human rights response.

We know that change is slow, but our message is "Don't lose faith". We're bringing back self-love, confidence, and strength and opening doors filled with opportunities for all young queers out there who have been hurt but still have hopeful hearts and aspire to better days ahead.

Ms. Sheryl remains my strongest role model, and no other female identity has had such a positive impact on my life. My mind still simmers with everything she represented, and gravitates to her energy. Thanks to Ms. Sheryl for being my pretty pink bandage. She always found ways to brighten my days, put a smile on my face, and fill me up with hope. Ms. Sheryl, wherever you are, I hope you still remember this person Ivander who hearts you the most!

Ivander (Annx) Cambanza is a Trans non-binary activist responsible for Mesa Colorida (Colourful Table), an NGO in Angola that provides a safe platform where LGBT youth are included and celebrated for their diversity. Annx also works as a peer educator for families with LGBT siblings and provides SRHR/HIV support to improve queer people's safety.



AQUI DEITADA A MORRER: UM RENASCIMENTO

GISELLE RATALANE

Lesoto

Todos nós vimos as terríveis notícias nos nossos ecrãs, mas tivemos a distância emocional típica das doenças exóticas em terras longínquas. As pessoas estavam em confinamento total. Sozinhas. Mas “ali”.

A África do Sul, onde eu vivia na altura, teve o seu primeiro caso confirmado de COVID-19 alguns meses mais tarde, no início de 2020. Foi nessa altura que a realidade se impôs. Ao contrário de muitas pessoas que saíram em massa para adquirir papel higiénico e outros produtos, eu não podia me dar ao luxo de comprar uma quantidade ilimitada da minha medicação hormonal. Era demasiado cara na África do Sul e não estava disponível no Lesoto, onde iria ficar em quarentena. Tinha de encontrar uma solução permanente.

Decidi telefonar ao meu médico no Lesoto, que concordou em fazer uma orquiectomia, uma cirurgia electiva de confirmação do género para pessoas trans que envolve a remoção das gónadas masculinas.

Uma semana depois, com a cirurgia bem sucedida, deitei-me na minha cama de hospital em Maseru a chorar, inicialmente de alegria. Não era a única a chorar. As fungadelas da minha mãe dominavam o quarto, com os dedos pálidos agarrados ao frasco de restos da cirurgia que o médico lhe tinha dado, enquanto esperava que passasse o efeito da anestesia. Lá dentro estavam os sonhos despedaçados de uma vida que ela tinha imaginado para mim, o seu único filho, o seu precioso “rapaz”; uma vida que ela tinha passado anos a cuidar para si própria.

Ela podia ficar com elas, disse o médico. Ela agarrou-se ao frasco como se a vida dependesse do seu conteúdo. E certamente tinha dependido, em dado momento.

“Porque é que estás a chorar?”, gritou a minha mãe, com a voz mais afiada do que uma espada.

Olhei para trás distraída, atordoada e com náuseas devido à anestesia. Desejei que a sua voz fosse reconfortante, mas aqui estava ela, a perguntar-me, a exigir-me coisas que eu não conseguia explicar, nem mesmo a mim própria.

Não conseguia pensar direito, mas lembro-me de me perguntar quantas partes de nós próprios temos de matar para sobreviver. Perguntei-me como é que a vida, em toda a sua grandeza, podia ser tão frágil ao ponto de se apoiar em duas pequenas coisas que agora estavam nas mãos da mulher que as trouxe ao mundo. Eram resíduos médicos, já não eram problema meu. O meu nome, escrito num autocolante branco, descuidadamente colado ao frasco, era a última ligação delas a mim.

O meu corpo jazia pesado sobre os lençóis frios. Provavelmente já morreram pessoas nesta cama, pensei, mas também consolou mulheres que deram as boas-vindas a uma nova vida. Li algures que as nossas lágrimas mudam consoante o nosso estado emocional. As minhas lágrimas eram um turbilhão de contradições. Aqui estava eu a chorar a perda de uma parte de mim que tinha causado tanta angústia, mas também estava alegre, triunfante. As minhas lágrimas diriam a quem quisesse olhar que agora, pela primeira vez, o meu corpo pertencia-me. Já não continha as contradições dolorosas que quase me tinham custado a vida.

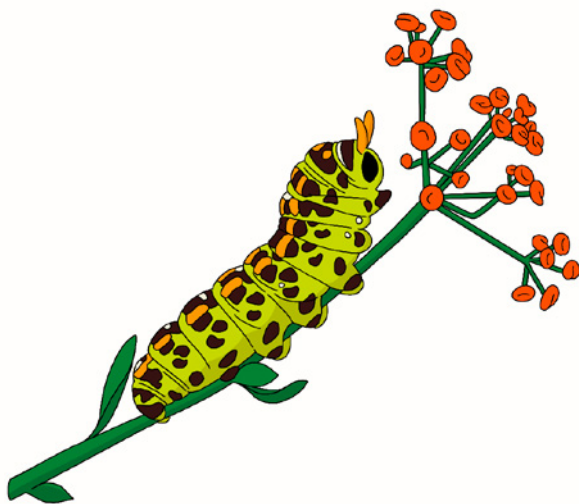
“Porque estás a chorar?” a minha mãe voltou a insistir na resposta. Ignorei-a e virei-me para olhar pela janela do hospital. Algumas pessoas lá embaixo estavam a fazer o trabalho enfadonho da sua existência mundana. Outras estavam a viver à sua maneira, a fazer algo de si próprias. Eu estava entusiasmada por me juntar a elas.

Finalmente reuni coragem para elaborar uma resposta, mas quando me virei para a minha mãe, ela estava a olhar para a garrafa. Estávamos ambas demasiado atordoadas para falar. Não tinha a certeza se as perguntas que tinha ouvido tinham vindo dela ou se as tinha imaginado na minha confusão gerada pelos medicamentos. As lágrimas caíram-me pelo rosto quando finalmente me apercebi: era o fim da vida tal como ela a conhecia.

Uma grande parte da sua identidade como mãe foi construída com base no orgulho e na influência cultural de ter dado à luz e criado um rapaz. Como é que ela iria conciliar isto com a minha decisão final, só podia imaginar. Ficámos as duas sentadas em silêncio, a contemplar o fim das nossas antigas vidas juntas.

Desejei que ela me abraçasse, para me dizer que estava tudo bem. Em vez disso, permaneceu imóvel, o seu único conforto irradiava de uma garrafa de resíduos médicos. Esperava que ela aceitasse a ideia de que a minha vida estava apenas a começar. Se ao menos ela me visse, me visse mesmo, e compreendesse que isto não era “apenas uma fase”. Em vez de “sair da situação”, algo mais dentro de mim estalou. Fechei os olhos e chorei na almofada esterilizada.

Quatro anos depois, ainda estou no Lesoto, agora a fazer lobby para o reconhecimento legal do género através da autodeterminação e para melhorar o bem-estar da nossa comunidade transgénero. Através destes esforços, vimos um importante partido político local apoiar publicamente as pessoas LGBTI e incluí-las pela primeira vez no seu manifesto de campanha. Estou entusiasmado por ver o nosso trabalho de sensibilização e investigação dar frutos e acredito que as coisas vão continuar a melhorar para nós. Para mim, certamente melhoraram.



Giselle Ratalane é uma lobista, investigadora e defensora dos direitos humanos que vive em Maseru. O seu trabalho actual consiste em fazer lobby junto de entidades paraestatais no Lesoto para que sejam adoptadas leis e políticas favoráveis às pessoas LGBTI.

AS I LAY HERE DYING: A REBIRTH

GISELLE RATALANE

Lesotho

We all saw the horrifying news unfold on our screens but were afforded the emotional distance typical of exotic diseases in far-off lands. People were in total lockdown. Alone. But “over there”.

South Africa, where I was living at the time, got its first confirmed case of COVID-19 a few months later in early 2020. That’s when the reality hit. Unlike many people who poured out in droves to hog toilet paper and other supplies, I didn’t have the luxury of buying an unlimited supply of my hormonal medication. It was too costly in South Africa and unavailable in Lesotho where I would be quarantining. I had to find a permanent solution.

I decided to call my doctor in Lesotho, who agreed to perform an orchiectomy, an elective gender confirmation surgery for trans people that involves removing the male gonads.

A week later, the surgery a success, I lay in my hospital bed in Maseru crying, initially with joy. I wasn’t the only one crying. My mother’s sniffles dominated the room, her knuckles white as she clung to the bottle of surgical remnants the doctor had given her as she waited for me to emerge from anaesthesia. Inside were the shattered dreams of a life she had imagined for me, her only child, her precious “boy”; a life she had spent years carefully curating for herself.

She could keep them, the doctor said. She held on to the bottle as if life depended on its contents. And life surely had, once upon a time.

“Why are you crying?” my mother snapped, her voice sharper than a sword.

I stared back absently, dazed and nauseous from the anaesthesia. I wished her voice were comforting, yet here she was, asking, demanding of me things I could not explain, not even to myself.

I couldn’t think straight, but I do remember wondering how many parts of ourselves we must kill in order to survive. I asked how life, in all its grandeur, could be so fragile as to rest on two tiny things now cradled in the hands of the woman who bore them. They were medical waste, no longer my problem. My name written on a white sticker carelessly attached to the bottle was their last link to me.

My body lay heavy on the cold sheets. People had probably died on this bed, I thought, but it also comforted women who welcomed new life. I read somewhere that our tears change depending on our emotional state. My tears were a swirl of contradictions. Here I was mourning the loss of a part of me that had caused so much angst, but I was also joyful, triumphant. My tears would tell whoever cared to look that now, for the first time, my body belonged to me. It no longer held the painful contradictions that had nearly cost me my life.

“Why are you crying?” my mother pressed again for an answer. I ignored her and turned to look out the hospital window. Some people below were going about the drudgery of their mundane existence. Others were living on their own terms, making something of themselves. I was excited to join them.

I finally mustered the courage to craft a response, but when I turned back to my mother, she was staring down at the bottle. We were both too stunned for words. I wasn’t sure if the questions I’d heard had even come from her, or if I had imagined them in my medicated haze. Tears cascaded down my cheeks as it finally hit me: this was the end of life as she’d known it, too.

A big part of her identity as a mother was constructed on the pride and cultural clout of having borne and raised a boy child. How she would reconcile this with my own very final decision, I could only imagine. We both sat there silently, contemplating the end of our old lives together.

I wished she would reach out and hug me, to tell me everything was OK. Instead, she remained still, her only comfort radiating from a bottle of medical waste. I hoped she would warm up to the idea that my life was only just beginning. If only she could see me, really see me, and understand that this was not “just a phase”. Instead of “snapping out of it”, something else inside me snapped. I closed my eyes and sobbed into the sterile pillow.

Four years later, I’m still in Lesotho, now lobbying for legal gender recognition by self-determination and improved well-being for our transgender community. Through these efforts, we’ve seen a major local political party publicly support LGBTI persons and include them in their canvassing manifesto for the first time. I’m excited to see our advocacy and research work bear fruit, and trust things will continue to get better for us. They certainly have for me.

Giselle Ratalane is a lobbyist, researcher, and human rights defender based in Maseru. Her current work involves lobbying parastatals in Lesotho for LGBTI-friendly laws and policies.

NOTHING
IS BINARY
IN NATURE



FORTE POR DEMASIADO TEMPO

PHALI FERDDIE

Gana

O dia 20 de Maio de 2021 é uma data que nunca esquecerei. Estava a orientar um seminário sobre violações dos direitos humanos num hotel no meu país, o Gana, quando a polícia invadiu o local e me deteve a mim e a outros 20 activistas. Ficámos detidos durante 22 dias.

No Gana, as pessoas intersexuais, como eu e outros grupos de minorias sexuais, raramente procuram obter reparação quando os nossos direitos são violados. O estigma e a discriminação que enfrentamos são demasiado fortes. Os meus colegas e eu testemunhámos isto em primeira mão durante a nossa longa detenção. Fomos maltratados por agentes da polícia, objectos de sensacionalismo nos meios de comunicação social, insultados por funcionários judiciais e foi-nos negada a fiança. A nossa fiança acabou por ser concedida e o nosso caso de “reunião ilegal” foi arquivado pelo tribunal por falta de provas, mas nenhum de nós saiu ileso.

Há coisas que nunca se esquecem. Enquanto estivemos sob custódia policial, as nossas celas estavam sobrelotadas. A minha era mais pequena do que a minha modesta casa de banho em casa e albergava seis mulheres, algumas noites mais, num local que parecia uma masmorra com um pesado portão de metal. Não havia espaço suficiente para nos deitarmos todas, pelo que tínhamos de dormir por turnos no chão frio, apenas com um lençol fino. Isto aconteceu quase no auge da pandemia global da COVID-19, quando os protocolos de distanciamento social ainda estavam em vigor, segundo o governo. Durante 22 dias, respirámos na cara uns dos outros, inalando um hálito viciado. Era sufocante.

Os meus dias de detenção tornaram-se nos meus piores pesadelos. O banheiro e a sanita ficavam mesmo no canto da nossa cela, pelo que tínhamos de suportar o cheiro a fezes sempre que alguém precisava de ir à casa de banho. A escuridão da sala e o calor intensificavam-se todos os dias, consoante o tempo lá fora. Quase não se sabia que horas eram, excepto à hora das refeições, quando os amigos, a família e os colegas activistas eram autorizados a trazer-nos comida e medicamentos para complementar as nossas magras rações.

Éramos despidos até às cuecas e deixados descalços, sem cintos nem atacadores, para evitar que tentássemos o suicídio, segundo os guardas. Nem sequer nos deram kits de higiene ou esponjas para tomar banho. Durante 22 dias e noites, a nossa liberdade foi-nos completamente retirada.

Uma coisa que me manteve são durante este calvário foi a notícia que recebi dois dias depois da nossa detenção de que a minha companheira tinha fugido do hotel antes de sermos presos. Recebi também a notícia devastadora do falecimento da minha avó materna. Ela tinha sido sempre tão carinhosa e solidária comigo. Estava muito doente antes de morrer e eu tinha prometido visitá-la no hospital depois do workshop, mas a nossa detenção tornou isso impossível. Não conseguia conter a dor de a perder, de nunca me despedir dela. Apesar de estarmos muito próximos na cela, refugiei-me em mim próprio e chorei.

Dizem que se não formos suficientemente corajosos, ninguém nos pode apoiar. Todos os dias na prisão eram mental, física e emocionalmente desgastantes, mas mantive a fé e a esperança vivas até sermos libertados sob fiança e o nosso caso ser arquivado.

Sempre que chega o mês de Maio, as recordações das experiências que vivemos e tudo aquilo por que ainda estamos a passar são um gatilho. Por vezes, fico destruído. Um procurador do tribunal expôs os nossos nomes completos e as datas das audiências no tribunal, permitindo que pessoas que conhecíamos e até estranhos homofóbicos nos assediasses. Houve até quem viesse à nossa casa à procura da minha companheira, que fugiu da cidade quando recebeu a informação de que a polícia andava à procura dela e de outros que tinham escapado à prisão. A nossa filha inocente foi vítima de bullying devido ao estigma e à discriminação que enfrentámos, o que nos obrigou a mudá-la de escola só para a manter em segurança. Por isso, sim, eu desabo. As pessoas choram não porque são fracas, mas porque foram fortes durante demasiado tempo.

Os últimos dois anos foram uma montanha-russa – uma montanha-russa que nunca mais espero voltar a percorrer – mas estou mais forte pela experiência. A dor que suportámos canalizou a minha energia e os meus esforços para defender a libertação da nossa comunidade intersexo e trans. Não vou parar de lutar até que todas as pessoas intersexo e trans adquiram autonomia corporal e reconhecimento legal.

Phali Ferddie é co-fundador e director de programas e operações da Key Watch Ghana e secretário executivo do Intersex Ghana Movement. O trabalho de advocacia de Phali centra-se na promoção da aceitação e na prestação de serviços a comunidades marginalizadas.

STRONG FOR TOO LONG

PHALI FERDDIE

Ghana

May 20, 2021, is a date I will never forget. I was facilitating a workshop about human rights violations at a hotel in my country Ghana when police raided the venue and detained me and 20 other activists. We were held for 22 days.

In Ghana, intersex people like myself and other sexual minority groups rarely seek redress when our rights are violated. The stigma and discrimination we face is too strong. My colleagues and I witnessed this first-hand during our long detention. We were abused by police officers, sensationalised in the media, insulted by court clerks, and denied bail. Our bail was eventually granted and our case of “unlawful assembly” was dismissed from court for lack of evidence, but none of us walked away unscathed.

There are some things you can never forget. While in police custody, our cells were congested. Mine was smaller than my modest bathroom at home and held six women, some nights more, in what felt like a dungeon with its heavy metal gate. There wasn't enough room for all of us to lie down, so we had to sleep in shifts on the cold floor with just a thin blanket. This was near the height of the global COVID-19 pandemic when social-distancing protocols were still in place, or so the government claimed. For 22 days we breathed in each other's faces, inhaling stale breath. It was suffocating.

My days in detention became my worst nightmares. Our bath and toilet were right there in the corner of our cell, so we had to endure the stench of faeces whenever someone needed to go. The darkness of the room and the heat intensified each day, depending on the weather outside. One could hardly tell what time of day it was except for mealtimes when friends, family, and fellow activists were permitted to bring us food and medication to supplement our paltry rations.

We were stripped to our undies and left barefoot, no belts or shoelaces allowed, to prevent us from attempting suicide, or so the guards said. We weren't even allowed hygiene kits or sponges for bathing. For 22 days and nights, our freedom was completely taken away.

One thing that kept me sane during this ordeal was the news I received two days after our arrest that my partner had escaped the hotel before we were rounded up. I also got the devastating news of my maternal grandmother's

passing. She had always been so loving and supportive of me. She was very ill before her death, and I'd promised to visit her in hospital after the workshop, but our arrest made doing so impossible. I couldn't contain the pain of losing her, of never saying goodbye. Despite our close quarters in the cell, I retreated into myself and wept.

They say if you're not brave enough, no one can back you. Every day in custody was mentally, physically, and emotionally draining, but I kept faith and hope alive until we were bailed out and our case was dismissed.

Whenever the month of May rolls around I am triggered by memories of the experiences we endured and reminded of everything we're still going through. I sometimes break down. A court prosecutor exposed our full names and court dates, enabling people we knew and even homophobic strangers to harass us. Some even came to our home looking for my partner, who fled town when she got a tip that police were looking for her and others who had escaped arrest. Our innocent child was bullied because of the stigma and discrimination we faced, forcing us to move her from one school to the next just to keep her safe. So yes, I break down. People cry not because they are weak but because they have been strong for too long.

The past two years have been a roller coaster – one I never hope to ride again – but I'm stronger for the experience. The pain we endured has channelled my energy and efforts into advocating for our intersex and trans community's liberation. I will not stop fighting until all intersex and trans persons acquire bodily autonomy and legal recognition.

Phali Ferddie is the co-founding programs and operations director at Key Watch Ghana and the executive secretary at Intersex Ghana Movement. Phali's advocacy work focuses on fostering acceptance for and providing services to marginalised communities.



PARTES DE MIM

ANNETTE ATIENO

Quénia

É difícil pensarmos em nós próprios como muitos pedaços diferentes, mas sabemos que temos muitas identidades diferentes dentro de nós. Quando reflecto sobre o acidente que alterou o curso da minha existência, penso em mim como estando fracturada para além do físico. O acidente abriu-me os olhos para as muitas partes diferentes de mim.

Nalgumas culturas, viajar em família é uma experiência de união, mas na minha cultura Luo, é considerado azar. Em Julho de 2009, eu e os meus primos decidimos fazer a viagem de 350 quilómetros de Kisumu, onde tínhamos ido visitar familiares, até Nairobi. Fiquei irritada com a insistência da minha tia para que orasse por nós antes de partirmos. Só queria fazer-me à estrada. Lembro-me de que estava um pouco nublado, mas talvez a minha memória estivesse toldada pelo que aconteceu mais tarde. A nossa carrinha colidiu com outro veículo nos arredores de Nakuru, e tudo mudou.

Fragmentos do acidente permanecem vivos na minha mente: a visão do sangue espalhado pelo para-brisas; a percepção de que a minha perna esquerda estava imóvel. O meu primo e eu sofremos ambos ferimentos na perna esquerda, mas o meu foi mais grave. No hospital, o meu pai, que era médico, entrou no nosso quarto para nos dar o diagnóstico. “A vossa situação é terrível”, disse ele com um humor inexpressivo para aliviar o clima. A minha radiografia mostrava uma fractura cominuída, uma fragmentação dos ossos que necessitava de uma intervenção médica especializada. Apesar de várias cirurgias, os meus ossos nunca sararam completamente. Por isso, fiquei dependente de muletas e de uma haste metálica de apoio na perna.

As palavras do cirurgião – “Agora andar é um processo complicado” e “Sentirás alguma dor para o resto da vida” – é algo que levei comigo quando saí do hospital. Elas mostraram-se verdadeiras nas semanas e meses de recuperação imediatamente após o acidente.

Enquanto reaprendia a andar, passei muito tempo deitada e a procurar formas de me entreter. Redescobri uma antiga conta no Facebook que alguns estudantes americanos de intercâmbio que tinha conhecido há alguns anos me tinham encorajado a abrir para me manter em contacto. Ao iniciar a sessão, comecei a explorar a parte de mim que era queer.

Não houve um momento específico em que tomei plena consciência da minha identidade queer, mas certas experiências serviram-me de luzes orientadoras ao longo do caminho. Quando me cruzei com a rapper americana Eve em 1999, lembro-me de me ter apaixonado perdidamente por ela. Alguns anos mais tarde, sentada em frente a uma jovem com uma protecção no olho, na ambulância da universidade, lembro-me de a achar a pessoa mais bonita que alguma vez tinha visto. Mais tarde, ela tornou-se minha colega de quarto, o que envolve uma história sobre praticar ioga nua, mas vou guardar essa para outro dia.

No Facebook, descobri uma comunidade diversificada de pessoas LGBTQ+ em todo o Quénia. Dediquei uma quantidade considerável de tempo e dados a participar em conversas e a informar-me sobre as experiências de ser queer no meu país. Até conheci a minha primeira namorada oficial online durante esse período.

Podia muito bem ter aproveitado esse tempo para juntar-me a uma comunidade online de pessoas com deficiência e aventurar-me no activismo em prol da deficiência, mas não o fiz. Soa cliché dizer que a minha personalidade online era um escape, mas era. Ainda estava a aprender o que significava ser queer. Também não estava preparada para ser deficiente.

Quando finalmente regressei à universidade no ano seguinte, os meus amigos tinham-se formado e seguido em frente. Sentia-me como uma nova aluna, mas também tinha uma nova comunidade. Os amigos queer que tinha conhecido online vinham visitar-me e levavam-me para festas. Tornaram-se a minha nova rede de apoio, a minha nova família. Também arranjaram-me o meu primeiro emprego. Formei-me em bioquímica na universidade, mas passei toda a minha vida profissional na área da comunicação. A minha comunidade queer deu-me clareza de objectivos, colocou-me no caminho certo e mostrou-me o que me podia tornar fora do que era socialmente esperado ou aceitável.

Embora o meu acidente tenha mudado a minha vida para sempre, também me trouxe novas pessoas e experiências. Ajudou-me a compreender a minha sexualidade e apresentou-me a uma nova comunidade que se tornou a minha família. Embora talvez tenha de andar sempre com muletas e sinta alguma dor, sou grata pelas lições e pessoas que entraram na minha vida depois do acidente. Quanto melhor compreendo as partes de mim, melhor elas se encaixam.

Annette Atieno é estudante de mestrado em Comunicação para o Desenvolvimento e especialista em comunicação estratégica, com foco específico nos direitos LGBTIQ no Quénia.

PIECES OF ME

ANNETTE ATIENO

Kenya

It is hard to think of oneself as many different pieces, yet we know that we hold many different identities within us. When I reflect upon the accident that altered the course of my existence, I think of myself as being fractured beyond the physical. It opened my eyes to the many different pieces of me.

In some cultures, travelling together as a family is a bonding experience, but in my Luo culture, it's considered bad luck. In July 2009, my cousins and I set out to cover the 350-kilometre journey to Nairobi from Kisumu where we'd been visiting relatives. I was irritated at my aunt's insistence that she pray for us before we left. I just wanted to get going. I remember it being slightly cloudy, but maybe my memory was clouded by what happened later. Our van collided with another vehicle just outside Nakuru, and everything changed.

Fragments of the accident remain vivid in my mind: the sight of blood splattered across the windshield; the realisation that my left leg was immobile. My cousin and I both suffered injuries to our left legs, but mine was more severe. At the hospital, my father, a doctor, entered our room to deliver the diagnosis. "Your situation is terrible", he remarked with deadpan humour to lighten the mood. My X-ray showed a comminuted fracture, a splintering of bones that needed skilled medical intervention. Despite several surgeries, my bones never fully healed. This has left me reliant on crutches and a supportive metal rod in my leg.

The surgeon's remarks – "Walking is now a complicated process" and "You will be in some degree of pain for the rest of your life" – are two quotes I carried with me out the hospital doors. They rang true in my weeks and months of recovery immediately after the accident.

While relearning how to walk, I spent a lot of time lying down and finding ways to entertain myself. I rediscovered an old Facebook account that some American exchange students I'd met a few years before had encouraged me to open to keep in touch. Logging in, I started exploring the piece of me that was queer.

There wasn't a specific moment when I became fully aware of my queerness, but certain experiences served as guiding lights along the path. When I came across the American rapper Eve in 1999, I remember falling madly in love

with her. A few years later, when I was seated across from a young woman with an eye patch in the university ambulance, I remember thinking she was the most beautiful person I'd ever seen. She later became my roommate, which involves a story about naked yoga, but I'll save that one for another day.

On Facebook, I discovered a diverse community of LGBTQ+ people across Kenya. I devoted a considerable amount of time and data engaging in conversations and educating myself about the experiences of being queer in my country. During this period, I even met my first official girlfriend online.

I could just as easily have used this time to join an online community of people living with disabilities and venture into disability activism, but I didn't. It's a cliché to say that my online self was an escape, but she was. I was still learning what it meant to be queer, I wasn't ready to be disabled as well.

When I finally returned to university the next year, my friends had all graduated and moved on. I felt like a new student, but I also had a new community now. The queer friends I'd met online came to visit me and took me out partying. They became my new network, my new family. They also gave me my first job. I majored in biochemistry at university but have spent my entire professional life in communications. My queer community gave me clarity of purpose, set me on the right path, and showed me what I could become outside of what was socially expected or agreeable.

Although my accident changed my life forever, it also brought me new people and experiences. It helped me understand my sexuality and introduced me to a new community that became my family. Although I may always walk with crutches and experience some degree of pain, I am grateful for the lessons and people that came into my life after the accident. The better I understand the pieces of me, the better they fit together.

Annette Atieno is a MA student in Communication for Development and a strategic communications specialist with a specific focus on LGBTIQ Rights in Kenya.



UM FUTURO ONDE O AMOR QUEER PODE FLORESCER

FRANK LILEZA

Moçambique

Sou um jovem moçambicano empoderado. Adoro arte e música soul. Inspiro-me na natureza e na narração de histórias da vida real.

Centenas de pessoas partilham estas mesmas qualidades, mas eu sou único: Sou rapaz gay e não-binário.

Saí do armário para três amigos íntimos quando fiz 17 anos. Era um dia normal depois da escola. Estávamos todos em casa da minha amiga Thandy para a nossa habitual hora do chá.

Eu estava a falar muito. Estava nervoso. Preocupava-me como é que eles iriam reagir. Não sabia se continuariam a ser meus amigos depois de saberem a minha verdade.

Felizmente, os meus receios não deram em nada. Os meus amigos foram ótimos. Nada mudou entre nós. Finalmente, podia ser eu próprio. Ou assim pensava eu.

Dois anos mais tarde, na universidade, apaixonei-me pela primeira vez por um rapaz da minha turma. Ele era alto e magro, um rapaz com olhos bondosos e uma alma generosa. Foi uma experiência muito bonita, estar apaixonado por alguém e sentir essas sensações. Nunca tinha sentido aquilo por ninguém; o meu coração recebeu finalmente algo por que tinha chorado durante muitos anos.

Ainda choro quando olho para trás.

O meu primeiro amor veio na altura errada. Era secreto. Era proibido. As questões LGBT nem sequer eram discutidas em Moçambique. Embora o nosso amor fosse lindo, também era muito confuso devido à masculinidade hiper-tóxica da sociedade que enfatiza as relações heterossexuais e os papéis tradicionais de género. Como rapaz gay não binário, onde é que eu me encaixava dentro deste sistema opressivo? O nosso amor nunca teve hipótese.

Ainda hoje carrego as marcas desse primeiro amor. Ainda me pergunto, “e se?”. E se tivesse sido possível expressar o nosso amor abertamente? E se a sociedade nos tivesse aceite? E se não precisássemos de nos esconder?

Estas perguntas levaram-me a lutar pela igualdade LGBT. Não podia ficar de braços cruzados enquanto mais pessoas queer eram privadas da oportunidade de encontrar um grande amor e viver abertamente.

Em 2013, depois de terminar a universidade, juntei-me à LAMBDA, a principal organização de Moçambique para a defesa das minorias sexuais e de género, como especialista em relações públicas e comunicação. Vi o trabalho como uma oportunidade para me juntar a uma causa que também era minha – para me educar, para me reinventar, para me capacitar.

Agora trabalho para proteger os direitos das pessoas LGBT de serem quem são, de viverem sem medo.

Embora tenhamos sido prejudicados pelo facto de o governo ter negado durante 14 anos a petição da LAMBDA para se tornar uma associação legalmente reconhecida, mantivemo-nos sempre activos na nossa luta pela igualdade LGBT. Um relatório das Nações Unidas de 2019 elogiou o trabalho da LAMBDA, incluindo os nossos esforços para pressionar o governo a despenalizar a homossexualidade, o que acabou por acontecer em 2015. Continuamos a proporcionar espaços seguros para as comunidades LGBT, como parte da nossa missão mais vasta de proporcionar direitos humanos plenos a todas as minorias sexuais e de género.

Ninguém deve ter medo de ser abertamente LGBT como eu tive medo de falar abertamente sobre o meu primeiro amor. O trabalho da LAMBDA ajuda-me a ver um futuro sem estigmas e preconceitos. Um futuro onde o amor queer pode florescer.

Frank Lileza é especialista em relações públicas e comunicação na LAMBDA, a principal organização de direitos LGBT de Moçambique.

A FUTURE WHERE QUEER LOVE CAN BLOOM

FRANK LILEZA

Mozambique

I am a young and empowered Mozambican man. I love art and soul music. I am inspired by nature and the telling of real-life stories.

Hundreds of people share these same qualities, but I'm unique: I'm gay and non-binary.

I came out of the closet to three close friends when I turned 17. It was an ordinary day after school. We were all at my friend Thandy's house for our usual tea time.

I was talking a lot. I was nervous. I worried about how they would react. I didn't know if they would continue to be my friends after learning my truth.

Fortunately, my fears came to naught. My friends were wonderful. Nothing changed between us. At last, I could be the real me. Or so I thought.

Two years later at university, I fell in love for the first time with a man from my class. He was tall and skinny, a man with kind eyes and a generous soul. It was a beautiful experience to be in love with someone and to feel those sensations. I had never felt that way for anyone; my heart finally received something that for many years it had cried for.

I still cry looking back.

My first love came at the wrong time. It was secret. It was forbidden. LGBT issues were not even discussed in Mozambique. Although our love was beautiful, it was also very confusing because of society's hyper-toxic masculinity that emphasises heterosexual relationships and traditional gender roles. As a non-binary gay man, where did I fit within this oppressive system? Our love never had a chance.

Even today I carry the marks of that first love. I still wonder, "what if?" What if we'd been able to express our love openly? What if society had accepted us? What if we hadn't needed to hide?

These questions pushed me to fight for LGBT equality. I couldn't sit idly by while more queer people were robbed of the chance to find great love and live openly.

In 2013 after finishing university I joined LAMBDA, Mozambique's leading organisation for the defence of sexual and gender minorities, as its public relations and communications specialist. I saw the job as an opportunity to join a cause that was also mine – to educate myself, to reinvent myself, to empower myself.

Now I work to protect the rights of LGBT people to be who we are, to live without fear.

Although we've been hampered by the government's 14-year denial of LAMBDA's petition to become a legally recognised association, we've always remained active in our fight for LGBT equality. A 2019 United Nations report praised LAMBDA's work, including our efforts lobbying the government to decriminalise homosexuality, which in 2015 was successful. We continue to provide safe spaces for LGBT communities as part of our larger mission to bring full human rights to all sexual and gender minorities.

No one should fear being openly LGBT the way I feared being open about my first love. LAMBDA's work helps me see a future without stigma and bias. A future where queer love can bloom.



Frank Lileza is a public relations and communications specialist at LAMBDA, Mozambique's leading LGBT rights organisation.



SOU UMA MULHER TRANS. SOU DIGNA DE AMOR.

DZOE AHMAD

Zimbábue

Os nossos corpos não foram concebidos por artesãos. Eles reflectem o que sentimos. Afirmam a nossa individualidade.

Nasci em Esigodini, uma pequena cidade mineira do Zimbábue onde os bêbados matam-se uns aos outros para roubar território das minas de ouro. Era o inferno na Terra. Eu estava rodeada de pobreza e dificuldades. Vivía com medo no coração.

Este ambiente tóxico infiltrou-se na minha alma. Sobrevivi negando a minha verdadeira identidade de rapariga transgénero e tolerando os nomes vergonhosos que as pessoas me chamavam: “stabane”, “ncukubili”, “wule”. Criei uma carapaça dura para me proteger do mundo exterior, mas isso também me impediu de abraçar a minha verdade.

A minha mãe sempre disse: “a exposição é um abre-olhos”. Afinal ela tinha razão!

Em 2018, mudei-me para Bulawayo, a segunda maior cidade do Zimbábue. No início, tinha medo dos carros que andavam em excesso de velocidade e dos gritos dos vendedores de rua. Eu era apenas uma rapariga trans de uma cidade pequena. Estar na cidade significava passar corajosamente por espaços desconhecidos e proteger-me dos olhares de estranhos. Mas rapidamente alguns desses estranhos tornaram-se amigos.

Foi-me apresentada a Trans Research Education Advocacy & Training (Formação e Pesquisa sobre Educação e Advocacia Trans) (TREAT), um grupo de defesa dos direitos dos transexuais em Bulawayo que trabalha para prevenir violações dos direitos humanos no Zimbábue. Aí conheci pessoas como eu, as minhas irmãs transgénero. Elas não se justificavam nem se desculpavam por serem quem eram. Elas viviam a sua verdade. Fiquei surpresa por ver tanta liberdade no Zimbábue. Será que eu estava em Joanesburgo? Será que estava a sonhar? Como é que as pessoas podiam viver de forma tão aberta? Para pessoas conhecedoras da lei, para pessoas que entendiam de direitos humanos, o meu sonho de infância já era uma realidade. Era como se eu tivesse renascido.

Chorei de alegria, mas na verdade tinha sentimentos mistos. O meu presidente, a minha comunidade, o meu país sempre me tinham dito que as pessoas LGBTI eram piores do que porcos e cães. Mas na TREAT, pessoas como eu disseram-me que eu era bonita e digna. A minha mente estava agitada. Precisava de respostas. Quem era eu?

Em 2019, fui nomeada coordenadora de programas da TREAT e comecei a trabalhar na capacitação de defensores dos direitos humanos para melhorar os quadros legislativos e os ambientes não discriminatórios para as pessoas da comunidade LGBTI na África Austral. À medida que o meu trabalho com a TREAT avançava, também avançava a minha transição de género. Criei uma imagem de Hollywood para mim própria. Procurei a perfeição. Empenhei-me arduamente em tudo o que fiz, mas esqueci-me de cuidar da minha saúde mental.

Chegou o ano 2020.

A pandemia da COVID fez com que o Zimbábue entrasse em confinamento. Deixei de ter acesso às minhas hormonas caras que vinham do Botswana. O corpo que eu tinha passado anos a refinar e a aperfeiçoar para afirmar a minha identidade de género começou a desaparecer. Passaram-se meses. Perdi a esperança. A minha autoestima caiu a pique. Esta nova realidade tornou-se num pesadelo.

E depois comecei a reflectir. Perguntei às paredes do meu apartamento: “Porque é que gastamos tanto dinheiro em coisas que são temporárias?” Não houve resposta.

As pessoas trans mudam o seu corpo para se afirmarem. Em relação a elas próprias? Em relação à sociedade? Mas como é que transformamos as nossas almas?

À medida que fui perdendo algumas das minhas características corporais de afirmação do género, comecei a compreender a diversidade e a amplitude do espectro trans. Se as pessoas trans que conheço e amo podem ser felizes em todas as formas, fases e tamanhos diferentes, porque é que eu não posso?

Sentada sozinha em casa, a ver o meu corpo mudar contra a minha vontade, aprendi o poder da autoestima e do amor-próprio. Independentemente da minha aparência, sou uma mulher trans e sou digna de ser amada. Essa é a minha força. Aprendi a encontrar a felicidade na minha situação actual, em vez de ficar a remoer um passado que prejudicaria o meu presente.

Agora sinto-me confortável nas ruas largas de Bulawayo. Os semáforos passam do amarelo para o vermelho, mas eu mantenho-me concentrada nos

sinais verdes que me fazem avançar. Com hormonas ou sem elas, encontrei o meu verdadeiro eu.

Os nossos corpos não significam nada sem a mentalidade correcta. Se criarmos narrativas positivas, se cuidarmos da nossa saúde mental, podemos encontrar paz interior e irradiar amor para o mundo.

Deixe a sua beleza interior brilhar.



Dzoe Ahmad é coordenadora de programas na Trans Research Education Advocacy & Training (TREAT), um grupo de defesa dos direitos dos transgéneros em Bulawayo que trabalha para prevenir violações dos direitos humanos no Zimbabué.

I'M A TRANS WOMAN. I'M WORTHY OF LOVE.

DZOE AHMAD

Zimbabwe

Our bodies are not designed by craftsmen. They reflect how we feel. They affirm our individuality.

I was born in Esigodini, a small mining town in Zimbabwe where drunkards murder each other to steal gold mine territory. It was hell on Earth. Poverty and hardship were all around me. Fear sat close to my heart.

This toxic environment seeped into my soul. I survived by denying my true identity as a transgender girl and tolerating the shameful names people called me: “stabane,” “ncukubili,” “wule”. I created a hard shell to protect me from the outside world, but it also prevented me from embracing my truth.

My mother always said, “exposure is an eye-opener”. Turns out she was right!

In 2018 I moved to Zimbabwe’s second-largest city Bulawayo. At first I was afraid of the speeding cars and the street vendors’ shouts. I was just a trans girl from a small town. Being in the city meant boldly navigating unfamiliar spaces and protecting myself from the gaze of strangers. But soon some of these strangers became friends.

I was introduced to Trans Research Education Advocacy & Training (TREAT), a transgender rights group in Bulawayo that works to prevent human rights violations across Zimbabwe. There I met people like me, my trans sisters. They didn’t apologise or make excuses for who they were. They were living their truths. I was shocked to see such freedom in Zimbabwe. Was I in Johannesburg? Was I dreaming? How could people live so openly? For people with knowledge of the law, for people who understood human rights, my childhood dream was already a reality. I felt born again.

I broke into tears of joy, but truly my emotions were mixed. My president, my community, my country had always told me that LGBTI people are worse than pigs and dogs. But at TREAT, people like me told me I was beautiful and worthy. My mind was racing. I needed answers. Who was I?

In 2019 I was appointed as TREAT’s programmes coordinator and started working to empower human rights defenders to improve legislative frameworks and non-discriminatory environments for LGBTI persons in

Southern Africa. As my work with TREAT advanced, so did my gender transition. I crafted a Hollywood image for myself. I aimed for perfection. I went above and beyond in everything I did, but I forgot to take care of my mental health.

Enter 2020.

The COVID pandemic sent Zimbabwe into lockdown. I couldn't access my expensive hormones from Botswana. The body I had spent years refining and perfecting to affirm my gender identity started disappearing into thin air. Months went by. I lost hope. My self-esteem plummeted. This new reality became a nightmare.

And then I started reflecting. I asked the walls of my apartment, "Why do we spend so much money on things that are temporary?" There was no response.

Trans people change their bodies to gain affirmation. From themselves? From society? But how do we transform our souls?

As I lost some of my gender-affirming body features, I gained an appreciation for how diverse and wide the trans spectrum truly is. If trans people I know and love can be happy in all different shapes and stages and sizes, why can't I?

Sitting alone at home, watching my body change against my will, I learned the power of self-worth and self-love. No matter how I look, I am a trans woman, and I am worthy of love. That's my "pillow" of strength. I learned to find happiness in my current situation rather than dwelling on a dwindling past that would hurt my present.

I'm comfortable on the wide streets of Bulawayo now. Traffic lights click from yellow to red, but I stay focused on the green lights that keep me going. Hormones or not, I've found my true self.

Our bodies mean nothing without the right mindset. If we create positive narratives, if we nurture our mental health, we can find inner peace and radiate love to the world.

Let your inner beauty shine out.

Dzoe Ahmad is programmes coordinator at Trans Research Education Advocacy & Training (TREAT), a transgender rights group in Bulawayo that works to prevent human rights violations across Zimbabwe.

SOBRE A TABOOM MEDIA

Os programas de formação, orientação, publicação, monitorização e resposta dos media da Taboom catalisam o jornalismo ético e o discurso público em torno de temas tabu. O nosso objectivo, ao lançar luz sobre os tabus nas notícias, é quebrar o seu poder. O nosso trabalho global desafia os estigmas, substituindo estereótipos e discriminação por exactidão e respeito. Promovemos uma cobertura mediática responsável para salvaguardar e defender as comunidades vulneráveis e promover os direitos humanos.

Para saber mais sobre o nosso trabalho e descarregar uma cópia gratuita desta antologia, visite TaboomMedia.com.



ABOUT TABOOM MEDIA

Taboom's media training, mentoring, publishing, monitoring, and response programs catalyse ethical journalism and public discourse around taboo topics. By shining light on taboos in the news, we aim to break their power. Our global work challenges stigmas, replacing stereotypes and discrimination with accuracy and respect. We facilitate responsible media coverage to safeguard and champion vulnerable communities and to advance human rights.

To learn more about our work and to download a free copy of this anthology, visit TaboomMedia.com.

SOBRE A GALA QUEER QUEER ARCHIVE

A GALA é um catalisador para a produção, preservação e disseminação de informação sobre a história, cultura e experiências contemporâneas das pessoas LGBTQIA+ em África. Como um arquivo fundado em princípios de justiça social e direitos humanos, continuamos a trabalhar para uma maior consciencialização sobre as vidas e experiências das pessoas LGBTQIA+ em África. O nosso principal objectivo é preservar e alimentar as narrativas e a cultura LGBTQIA+, bem como promover a igualdade social, a educação inclusiva e o desenvolvimento da juventude.

A GALA publica sob a nossa marca, MaThoko's Books, uma editora para obras LGBTQIA+ e trabalhos académicos sobre temas relacionados com LGBTQIA+ em África.



ABOUT GALA QUEER ARCHIVE

GALA is a catalyst for the production, preservation and dissemination of information about the history, culture and contemporary experiences of LGBTQIA+ people in Africa. As an archive founded on principles of social justice and human rights, we continue to work toward a greater awareness about the lives and experiences of LGBTQIA+ people in Africa. Our main focus is to preserve and nurture LGBTQIA+ narratives and culture, as well as promote social equality, inclusive education and youth development.

GALA publishes under our imprint, MaThoko's Books, a publishing outlet for LGBTQIA+ writing and scholarly works on LGBTQIA+-related themes in Africa.

A Taboom Media e a GALA Queer Archive gostariam de agradecer às seguintes organizações pelo seu apoio.

Taboom Media and GALA Queer Archive would like to thank the following organisations for their support.



**National Endowment
for Democracy**
Supporting freedom around the world



SAIH

**THE
SIGRID
RAUSING
TRUST**

ISDA



Norwegian Embassy



Esta edição especial em português da nossa série *Activismo Queer em África* destaca 12 histórias e ilustrações poderosas dos Volumes 1 a 4. Nestas páginas, defensores dos direitos humanos de todo o continente partilham as suas histórias de origem e percursos de activismo. Estes testemunhos íntimos de força e vulnerabilidade documentam e elevam a nossa luta colectiva pela igualdade LGBTQI+. O resultado é uma poderosa antologia de resistência, resiliência e reconhecimento. Para ler a colecção completa de quase 100 histórias em inglês e francês, ou uma dúzia de histórias diferentes em árabe ou kiswahili, visite GALA.co.za ou TaboomMedia.com/resources.



This special Portuguese Edition of our *Queer Activism in Africa* series spotlights 12 powerful stories and illustrations from Volumes 1-4. In these pages, human rights defenders from across the continent share their origin stories and activist journeys. These intimate testimonies of strength and vulnerability document and elevate our collective fight for LGBTQI+ equality. The result is a powerful anthology of resistance, resilience, and recognition. To read the full collection of nearly 100 stories in English and French, or a different dozen in Arabic or Kiswahili, visit TaboomMedia.com/resources or GALA.co.za.



MaThoko's Books — CC BY-NC-SA 4.0 2024

